

DIURNA.

a ousadia de escrever

MAR 2025

Nº 18

ANO 5

Número XVIII

Diurna.

O Jornal Nacional dos Estudantes da Universidade Católica Portuguesa
Porto | Lisboa | Braga | Viseu

Edição | Março 2025

D.



D.

DIREÇÃO NACIONAL

Diretora Nacional
Ana Lorena de Sêves

Editor in Chief - Porto
Catarina Samões

Editor in Chief - Lisboa
Rui Lopo

EQUIPA EDITORIAL

Porto

Catarina Samões
Adriana Magalhães
Francisca Rocha
Rui Santos

Lisboa

Ana Lorena de Sêves
Rui Lopo
Joao Soeiro da Costa
Joao Pinheiro da Silva
Rosalina de Sousa

Braga

Maria Clara Valentim

Viseu

Beatriz Oliveira

MARKETING MANAGEMENT

Ana Lorena de Sêves
Catarina Samões

AGRADECIMENTOS

A equipa do Diurna, dedica esta 18ª Edição aos Senhores Diretores das Escolas de Direito do Porto e de Lisboa, Prof. Doutor Manuel Fontaine e Prof. Doutora Ana Taveira da Fonseca, ao Senhor Diretor da Faculdade de Medicina Prof. Doutor António de Almeida, ao Senhor Diretor da Católica Porto Business School Prof. Doutor João Pinto, ao Senhor Diretor da Católica Lisbon School of Business and Economics Prof. Doutor Filipe Santos, à Senhora Diretora da Escola Superior de Biotecnologia Prof. Doutora Paula Castro por acreditarem no nosso projeto e continuarem a torná-lo possível.

Agradecemos à Senhora Reitora Prof.ª Doutora Isabel Capelo Gil, ao Senhor Vice-Reitor Prof. Doutor José Manuel Pereira de Almeida, e ainda, especialmente ao Senhor Prof. Doutor JOÃO Santos Pereira e ao Senhor Prof. Doutor Guilherme Almeida e Brito.

Aos nossos Autores, em especial, aos que nos deram a honra de uma tão agradável conversa, o Senhor Doutor Vasco de Mello e o Senhor Doutor Ricardo Baptista Leite.

Por último, à Catarina Andrade que nos confiou este projeto e o fez crescer. Ao Nuno Brochado de Agarez, criador do Diurna, por também nos confiar este projeto.

Sponsors



DIURNA.



A EQUIPA DO DIURNA. DESEJA-LHES UMA ÓTIMA LEITURA.

Diurna.

D.

“O conhecimento é um poder em si mesmo”.
- Thomas Hobbes

D.

ÍNDICE

- 8 **Editorial**
Ana Lorena de Sèves
Diretora Nacional do Diurna
- 9 **Jornalismo: antídoto e veneno para a democracia**
Manuel Antunes da Cunha Professor Auxiliar (Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, UCP-Braga), Enseignant-vacataire (Institut Français de Presse, Université Panthéon-Assas, Paris 2)
- 12 **Personalidade em Destaque**
Vasco de Mello
Presidente do Grupo José de Mello
- 24 **A Curva de Laffer**
Catarina Reis
Professora Associada de Economia da Católica Lisbon School of Business and Economics
- 27 **Criatividade Inteligente não artificial**
Lourenço Fernandes Thomaz
Iberia Chief Creative Officer e EMEA Chief Creative Officer
- 30 **Sociedade do Robô**
Animalesco
Luca Romanello
Phd Sustainable aerial robotics for environmental sensing
- 36 **Pluralismo e a questão do humano**
Uma perspetiva de ética teológica
J.M Pereira de Almeida
Vice-Reitor da Universidade Católica Portuguesa
- 39 **Personalidade em Destaque**
Ricardo Baptista Leite
CEO Health AI
- 51 **Modesto contributo para uma inspiração...**
Diogo Horta Osório
Advogado
- 54 **BACTÉRIAS – Vilãs ou Aliadas?**
Teresa Nazareth
Coordenadora de Digestão e Defesa II na Faculdade de Medicina da Universidade Católica Portuguesa
- 57 **Saúde oral na terceira idade**
Sara Nunes Lopes
Médica Dentista
- 60 **Make Europe Great Again?**
Filipa Mota
Professora Auxiliar Convidada Católica Porto Business School
- 63 **Negociação e Mediação: Competências essenciais para o advogado moderno**
Thomas Gaultier
Professor de Negociação e Mediação de Conflitos
- 67 **Noç(Gest)ão precisa-se!**
Catarina Duarte
Médica Dentista com formação em Gestão e Economia da Saúde
- 70 **Ousadia de escrever... A Ordem Executiva 14173 – “Acabar com a Discriminação Ilegal e Restaurar a Oportunidade com Base no Mérito”**
Márcio Espirito Santo
Aluno de Doutoramento em Ciência Política e Relações Internacionais
- 74 **Um ensaio eco-lógico- as lógicas do eco e da reverberação: Um musicoterapeuta debruça-se sobre a experiência estética**
Miguel Soares
Psicólogo, Musicoterapeuta
- 78 **O que é a renda fixa, quais as suas características e por que é o maior instrumento de investimento global?**
José Correia da Silva
“Gestor de investimentos” na Avenue
- 83 **Arte em Destaque**
Maria Ana Vasco Costa
Ceramista e arquiteta, MAVC studio

EDITORIAL

No mundo, nas nossas vidas está sempre a acontecer muita coisa, por vezes, por isso, podemos não nos lembrar da importância de pensar e refletir. No entanto, se o fizéssemos as nossas vidas ficariam mais fáceis e mais completas. Por isso, nesta edição, peço que paremos para refletir, com a inspiração destes vários excelentes autores, que nos fornecem opiniões e ferramentas que nos podem ajudar a tornar pessoas mais completas e viradas para o mundo em nosso redor.

Mais uma edição, mais novos temas para discutir e refletir. Continuando com uma grande variedade de assuntos espero que esta edição vos mantenha despertos e atentos para o mundo em vosso redor.

A vida é um percurso no qual muitas das vezes podemos escolher como reagimos às situações e uma excelente maneira de saber como reagir às intempéries é lendo e aprendendo com outras pessoas que têm mais experiência que nós, ou, melhor ainda, experiências diferentes.

O conhecimento pode nos facilitar a vida imensamente, pois conseguimos não só compreender melhor situações, compreendemos melhor as pessoas (os outros e nós mesmos), compreendemos um bocadinho melhor o mundo, e, se tudo correr bem, ganharmos vontade de aprendermos sempre mais.

O modo que temos de continuar a aumentar o conhecimento é através de um motor, que se chama curiosidade, não a ignorem, que ela é útil, e, cada vez mais necessária.

Espero que tenham uma ótima leitura!

Ana Lorena de Sêves
Diretora Nacional



D.

**JORNALISMO:
ANTÍDOTO E VENENO
PARA A DEMOCRACIA**
POR MANUEL ANTUNES DA CUNHA



D.

“No que diz respeito ao jornalismo atual, a minha única inquietude é esse estado de excitação nervosa em que coloca a Nação. (...) É um facto social. Basta olhar hoje para a importância desmedida que toma o mais pequeno facto. Centenas de jornais publicam-no, comentam-no, exageram-no, em simultâneo. Durante uma semana, não se fala de outra coisa. Cada dia com seus novos pormenores para encher colunas e aumentar tiragens, à custa da curiosidade dos leitores. (...) Mal acaba um caso e já outro se inicia, uma vez que os jornais não sabem proceder de outra forma. Se não há assunto que apele à emoção, inventa-se. Outrora, os factos, mesmos os mais gravosos, eram bem menos comentados. Não emocionavam tanto. Não mergulhavam sistematicamente o país numa convulsão febril.”

(Émile Zola, 24/11/1888, *Le journalisme*. Le Figaro. Supplément littéraire. p. 1)

S em sombra de dúvida, as controvérsias em torno da crise do jornalismo emergiram bem antes da era digital. Não deixa de ser sintomático que esta crítica tenha sido formulada pela pena de Emile Zola, jornalista e romancista que viria a assinar um dos mais célebres textos da história do periodismo (*J'accuse*, *L'Aurore*, 13 de janeiro de 1898). Em finais do séc. XIX e inícios do séc. XX, a imprensa escrita francesa encontrava-se em plena expansão, contabilizando quase 600 diários, nove dezenas dos quais sediados em Paris. O jornalismo tornara-se então um negócio lucrativo. Os artigos de opinião passaram a partilhar as colunas com conteúdos suscetíveis de atrair um número cada vez maior de leitores (*faits divers*, folhetins, publicidade, etc.), potenciando o crescimento das receitas. Em contrapartida, entre os anos 1880-1910, o jornalismo informativo impunha-se nos Estados Unidos e, depois, no universo anglo-saxónico como paradigma dominante, dissociando os factos da interpretação. De um lado, a busca do lucro por intermédio de virulentas controvérsias, alimentadas por “um fluxo vertiginoso de informação superabundante”, na feliz expressão de Zola. Do outro, uma ética da objetividade, consolidada por géneros como a entrevista e a reportagem. Em abono da verdade, o cenário nunca foi tão binário. Desde os seus primórdios, o jornalismo tem sido permeado por contradições, sendo hoje simultaneamente um antídoto e um veneno para a democracia.

“Em abono da verdade, o cenário nunca foi tão binário.”

Como sempre acontece, a emergência de um novo meio de comunicação suscita um conjunto de profecias apocalípticas e outras tantas utopias comunicacionais. As transformações observáveis no último quarto de século replicam alguns dos desafios que, invariavelmente, marcaram os tempos áureos da imprensa, do cinema, da rádio e da televisão – embora hoje com uma intensidade inédita –, não deixando de suscitar novos questionamentos. Em virtude da eclosão de um ecossistema mediático singular, o modelo tradicional de produção, difusão e receção da informação tem atravessado um complexo processo de reconfiguração – de contornos ainda imprecisos – envolvendo as dimensões profissionais, sociopolíticas, culturais, económicas, técnicas, éticas e jurídicas. A reflexão daria pano para mangas – e até para um fato talhado à medida –, mas cingir-nos-emos a um exemplo de hibridização dos géneros jornalísticos.

“As transformações observáveis no último quarto de século replicam alguns dos desafios que, invariavelmente, marcaram os tempos áureos da imprensa, do cinema, da rádio e da televisão (...)”

D.



Um relatório recente da Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC, 2025) refere que os principais noticiários das televisões portuguesas tendem a separar a opinião da informação, com espaços devidamente demarcados. Todavia, uma tal cisão esbate-se sempre que um(a) jornalista intercala comentários subjetivos ou segmentos noticiosos adotam um tom interpretativo. Também a colonização dos telejornais e das grelhas de programação pelos espaços de comentário compromete a imparcialidade dos media e a confiança do público. Assim, a naturalidade com que muitos encaram o percurso de Marcelo Rebelo de Sousa – do jornalismo à política ativa e da cátedra de comentador (TVI e RTP) à Presidência da República – não deixa de ser sintomática. Não é por acaso que Luís Marques Mendes seguiu agora os seus passos, embora não seja de todo certo que venha a ter o mesmo sucesso. Poderíamos aqui desfiar um rosário de exemplos. Um tal mélange des genres não pode deixar de levantar suspeitas de conluio entre as esferas mediática e política. E quando as fronteiras se tornam porosas, não é “só” a reputação dos media que está em causa, mas a própria saúde do sistema democrático. Não faltam por aí sinais de alerta...

Manuel Antunes da Cunha

Professor Auxiliar (Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, UCP-Braga),
Enseignant-vacataire (Institut Français de Presse, Université Panthéon-Assas, Paris 2)

D.



PERSONALIDADE EM DESTAQUE
Vasco de Mello

D.

VASCO DE MELLO

Vasco de Mello, nascido em 1956, é casado e pai de quatro filhos. Presidente do Conselho de Administração da José de Mello e da Brisa, tem uma carreira marcada pela passagem por diversos setores, incluindo banca, indústria e telecomunicações. É também Presidente da Fundação Amélia de Mello e membro da Direção da Associação Business Roundtable Portugal (BRP), organização da qual foi membro fundador e à qual presidiu até 2024.

Este ano, foi distinguido com o Doutoramento Honoris Causa pela Universidade Católica Portuguesa.

Nesta entrevista, partilha o seu percurso, as suas inspirações e a sua visão sobre diversos temas.

"Acreditem nas vossas ideias, não tenham medo de falhar, mas estejam sempre abertos a aprender com os erros e a ajustar o percurso quando necessário."

Como é que o início da sua carreira o moldou profissionalmente?



O início da minha carreira foi fundamental para moldar a minha trajetória profissional, construindo resiliência e desenvolvendo a capacidade de adaptação.

Aos 17 anos, fui confrontado com uma grande mudança na minha vida. Os nossos pais tiveram de deixar o país e fomos - eu e os meus 11 irmãos - viver para a Suíça. A adaptação a esta nova vida trouxe-me a necessidade de crescer, de ser mais responsável, autónomo e resiliente.

D.

Aos 21 anos, depois de ter concluído a licenciatura em Gestão de Empresas pelo American College of Switzerland, fui estagiar para o Citibank, em Nova Iorque. Desde cedo percebi que os serviços bancários e financeiros era uma área onde me sentia realizado. Foi um programa de 18 meses, muito interessante, mas também muito duro e exigente. Era muito novo e esta experiência mostrou-me a importância de saber trabalhar sob pressão e estar preparado para ambientes desafiadores.

“Era muito novo e esta experiência mostrou-me a importância de saber trabalhar sob pressão e estar preparado para ambientes desafiadores.”

Os desafios seguintes, no Brasil, e quando regresssei a Portugal, no final da década de 80, para trabalhar com o meu pai, na reconstrução dos negócios, trouxeram-me inúmeros ensinamentos, das quais destaco um em particular: o verdadeiro sucesso não se mede apenas pelos resultados financeiros, mas, sim, pelo impacto positivo que conseguimos ter na vida das pessoas, nas organizações e na sociedade em geral.

Quais são as suas maiores fontes de inspiração?

A minha família sempre foi a minha maior fonte de inspiração. Desde cedo, aprendi que a responsabilidade não se limita a nós próprios, mas abrange também os outros, e que devemos dar o nosso melhor em tudo o que fazemos, respeitando ao mesmo tempo a liberdade de cada um seguir o seu próprio caminho.

“Desde cedo, aprendi que a responsabilidade não se limita a nós próprios, mas abrange também os outros, e que devemos dar o nosso melhor em tudo o que fazemos.”

O meu bisavô, Alfredo da Silva, foi uma figura marcante. Apesar de não o ter conhecido pessoalmente, o seu espírito empreendedor e visionário esteve sempre presente na nossa casa, como exemplo de coragem e capacidade invulgar de contribuir para o desenvolvimento do país. Inspirava-se na criação de riqueza como forma de maximizar o impacto que podia ter na sociedade e foi um precursor de iniciativas de responsabilidade social, num tempo em que ainda não se falava disso.

D.



O meu pai, José Manuel de Mello, é uma das grandes fontes de inspiração da nossa família. Transmitiu-nos valores de dinamismo, criatividade, persistência, determinação e visão de futuro, e ensinou-nos que o bem do país deve prevalecer sobre os interesses individuais. Ele mostrou-nos que a família deve estar sempre acima de qualquer desejo pessoal, reforçando a ideia de que é com união e compromisso que se constroem as bases para o futuro.

A minha mãe teve igualmente um papel fundamental, procurando incutir nos 12 filhos um forte espírito de união e solidariedade, e ensinando-nos desde cedo a importância da humildade e do respeito pelo outro. A sua constante disponibilidade para ajudar e apoiar os outros foi algo que nos transmitiu, e que tem sido fundamental na nossa maneira de agir e de nos relacionarmos com os outros, tanto no âmbito familiar como profissional.

Além da minha família, São José sempre foi uma figura que me marcou muito. O seu exemplo como trabalhador, a sua fé e capacidade de estar na retaguarda, exemplar defensor da Família, sempre me inspiraram.

“O meu pai, José Manuel de Mello, (...) transmitiu-nos valores de dinamismo, criatividade, persistência, determinação e visão de futuro, e ensinou-nos que o bem do país deve prevalecer sobre os interesses individuais. (...) A minha mãe teve igualmente um papel fundamental (...) ensinando-nos desde cedo a importância da humildade e do respeito pelo outro.”

D.

Qual foi o fio condutor do crescimento do Grupo José de Mello ao longo do tempo?

O crescimento do Grupo está enraizado no lema de Alfredo da Silva: "Mais e Melhor". A nossa visão de futuro, a capacidade de nos reinventarmos e enfrentarmos os desafios com resiliência, e procurarmos constantemente inovação, são os pilares do nosso sucesso contínuo.

"A nossa visão de futuro, a capacidade de nos reinventarmos e enfrentarmos os desafios com resiliência, e procurarmos constantemente inovação, são os pilares do nosso sucesso contínuo."

Somos uma família com vocação empresarial que segue os exemplos de empreendedorismo, determinação e rigor dos antepassados, sem nunca esquecermos que o nosso sucesso resulta, em grande parte, da dedicação e profissionalismo de todos os que trabalham connosco e que são, sem dúvida, o nosso principal ativo.

O nosso compromisso com o crescimento não se resume apenas ao lucro, mas à criação de um impacto positivo para o país e para todas as partes envolvidas: acionistas, colaboradores, clientes e as comunidades onde estamos presentes. Assim, conseguimos crescer de forma sólida e sustentável, criando valor em cada ação que realizamos.

Qual é um aspeto da experiência numa empresa familiar que as pessoas desconhecem?

Gerir os laços familiares e as decisões empresariais exige um equilíbrio delicado. A comunicação transparente e os Valores da nossa família - União, Integridade e Excelência - são essenciais para a harmonia e o sucesso da gestão familiar e empresarial.

"(...) os Valores da nossa família - União, Integridade e Excelência - são essenciais para a harmonia e o sucesso da gestão familiar e empresarial."

O nosso objetivo é manter a vocação de ser uma família empresarial por, pelo menos, mais 120 anos, e sabemos que, para isso, é crucial que os Valores que nos guiam estejam presentes em todas as nossas ações e decisões. Acreditamos que, acima de tudo, a família deve estar acima de qualquer desejo pessoal, e que o bem do país deve sempre prevalecer sobre os interesses individuais. Estes princípios orientam-nos no caminho que queremos seguir, com uma visão focada na continuidade e no desenvolvimento.

D.

Resultado líquido positivo pelo quarto ano consecutivo (excluindo efeitos extraordinários)

Manutenção de proveitos acima dos 40M€ (Portugal e Espanha)

Crescimento do volume de encomendas em 7% e do resultado operacional em

 JOSÉ DE MELLO



Para garantir a continuidade do negócio e a harmonização das relações familiares, temos um protocolo familiar robusto que, mantendo a sua essência, é revisto regularmente de forma a assegurar a sua adaptação a um mundo em constante mudança. Este é um elemento de governo crucial para assegurar que o nosso legado seja transmitido de forma coesa e sustentável.

Que sucessos na sua carreira lhe deram mais satisfação?

Trabalho desde os 21 anos, pelo que são muitos os momentos que me trouxeram satisfação. Escolho três períodos que foram especialmente marcantes.

Em primeiro lugar, a criação do Banco Mello, em 1991, e a aquisição da Companhia de Seguros Império, em 1992, ambos marcos essenciais para o crescimento e fortalecimento dos negócios da nossa família.

A fundação do Banco Mello foi uma experiência muito especial. Liderava uma equipa jovem — e eu próprio era também muito jovem — o que tornou o desafio ainda mais estimulante. Sentia uma enorme responsabilidade, mas também um grande entusiasmo por fazer parte da criação de algo novo.

D.

Já a aquisição da Companhia de Seguros Império foi um momento carregado de simbolismo. Esta sociedade, fundada em 1942 e que integrou o Grupo CUF até 1974, regressava ao universo da família, representando uma vitória empresarial e um passo importante na reconstrução dos negócios iniciada pelo meu pai com a criação da José de Mello, em 1988.

Em segundo lugar, a entrada como acionistas da Brisa e todo o projeto de desenvolvimento que se seguiu, tendo assumido o cargo de presidente executivo da empresa durante 18 anos.

De uma posição inicial de 5%, numa empresa cotada que tinha o Estado como principal acionista, tornámo-nos acionistas majoritários; contribuímos para uma valorização muito significativa da Brisa para, finalmente, sermos o acionista português de referência, em parceria com um consórcio constituído pela APG, Swiss Life e NPS.

Os principais fatores que contribuíram para isso foram a excelente equipa – constituída por todos os colaboradores da empresa – a política de parcerias e as iniciativas de internacionalização.

Finalmente, o reforço da solidez financeira do Grupo, com a redução muito significativa do nosso endividamento, ao mesmo tempo em que o meu irmão, Salvador, me sucedeu como presidente executivo da José de Mello e foi desenvolvido um novo Plano Estratégico.

Estes sucessos trouxeram-me uma enorme satisfação, não só pelo que representaram em termos de crescimento empresarial, mas também pela oportunidade de contribuir para o fortalecimento do Grupo em períodos cruciais da sua história.

O que o motiva a fazer mais e melhor?

A vontade de transmitir às próximas gerações o legado que recebemos, mais forte e valorizado, e honrar a história da nossa família, é aquilo que me motiva a fazer mais e melhor.

Sinto uma paixão genuína pelos desafios e um forte compromisso em contribuir para o crescimento do país, ajudando a construir um futuro mais próspero e sustentável.

Além disso, acredito que preparar as futuras gerações para dar continuidade a esse trabalho é essencial para perpetuar os Valores que nos guiam.

“A vontade de transmitir às próximas gerações o legado que recebemos, mais forte e valorizado, e honrar a história da nossa família, é aquilo que me motiva a fazer mais e melhor.”

D.

Qual é o projeto que o ocupa mais de momento?

Atualmente, para além do envolvimento na Família e no Grupo, no qual presido aos Conselhos de Administração da José de Mello e da Brisa, o projeto que mais ocupa o meu tempo é a Associação Business Roundtable Portugal (BRP), organização da qual fui presidente entre 2021 e 2024 e à qual continuo a pertencer, agora como membro da direção.

O BRP junta 43 dos maiores grupos empresariais privados com atividade económica em Portugal, representados pelos seus líderes ao mais alto nível, com um único propósito: acelerar o crescimento económico e social do país para garantir um Portugal mais justo, mais próspero e mais sustentável.

Com este propósito, o BRP desenvolve diversas iniciativas em três eixos principais: Pessoas, na qualificação e valorização dos portugueses; Empresas, para ganharem escala e serem mais produtivas, capazes de competir internacionalmente, de inovar e de atrair os melhores recursos; e o Estado, para que atue enquanto facilitador e acelerador do desenvolvimento do país, com processos simples e transparentes.

O BRP contribui com o exemplo das suas empresas, e com propostas concretas e exequíveis. Com o conhecimento das empresas associadas do BRP,

através da participação ativa das suas pessoas, vários projetos são desenvolvidos: requalificação, ensino profissional, gestão de talento, governance, simplificação administrativa, tax wedge, entre outros.

Portugal tem de aumentar a sua riqueza e a qualidade de vida dos portugueses tem de melhorar – é o que move o BRP e todos temos de atuar.

“Portugal tem de aumentar a sua riqueza e a qualidade de vida dos portugueses tem de melhorar – é o que move o BRP e todos temos de atuar.”

Paralelamente, dedico ainda parte do meu tempo à Fundação Amélia de Mello, da qual sou presidente. Esta instituição está muito ligada à nossa família – foi criada pelo meu avô, Manuel de Mello, em 1964, em homenagem à minha avó – e desenvolve atividades de impacto social, focadas na educação, saúde, cultura e inclusão social.

Além disso, sou presidente da mesa da Assembleia Geral da COTEC Portugal e integro o Conselho Superior da Universidade Católica Portuguesa.

Nesta fase da minha vida, tento também equilibrar o tempo dedicado a estes projetos com momentos em família, especialmente com os meus 12 netos, o que tem sido muito gratificante.

D.

O que acha que Portugal podia melhorar para os jovens ficarem?

Portugal enfrenta um desafio estrutural: temos a geração mais qualificada de sempre, mas continuamos a perder milhares de jovens talentos para a emigração.

Esta realidade deve-se, em grande parte, à falta de crescimento económico, que limita as oportunidades de carreira, impede a progressão salarial e dificulta o equilíbrio entre a vida pessoal e profissional. Além disso, fatores como a burocracia excessiva, a lentidão da justiça e um regime fiscal pouco competitivo agravam a sensação de estagnação e falta de perspetivas.

O problema não é os jovens irem para fora, onde abrem horizontes e adquirem novas capacidades e experiências. O problema é não quererem, ou poderem, regressar porque não encontram no seu país as oportunidades que pretendem.

“O problema não é os jovens irem para fora, onde abrem horizontes e adquirem novas capacidades e experiências. O problema é não quererem, ou poderem, regressar(…)”

Se queremos reter os jovens, é essencial atuar em várias frentes. O Governo deve reduzir a carga fiscal sobre o trabalho, especialmente para rendimentos mais baixos e médios, e alargar incentivos como o IRS Jovem. Ao mesmo tempo, as empresas têm de ajustar os salários ao custo de vida e adotar modelos de trabalho mais flexíveis e horizontais, que promovam a participação ativa e a valorização do mérito. Garantir o acesso à habitação, mobilidade, saúde e educação é igualmente essencial para proporcionar uma vida digna e estável. Mas isto só será possível com um compromisso coletivo. Portugal precisa de um esforço conjunto entre Estado, empresas e sociedade para criar um ambiente onde os jovens sintam que podem prosperar e construir um futuro sólido. Se agirmos com determinação, não só conseguiremos reter talento, como poderemos atrair de volta os que partiram.

O país só será verdadeiramente competitivo quando os jovens acreditarem que o melhor lugar para triunfar é cá dentro — e não lá fora.

“Portugal precisa de um esforço conjunto entre Estado, Empresas e Sociedade para criar um ambiente onde os jovens sintam que podem prosperar e construir um futuro sólido.”



Que valores acha importantes para atingir objetivos?

Para atingir objetivos, considero essenciais valores como determinação, empatia, integridade e capacidade de adaptação.

Uma empresa precisa de ser ágil, reagir à mudança e ajustar-se com rapidez a cada momento. Para que isso seja possível, é fundamental existir uma visão clara e inspiradora, acompanhada de objetivos bem definidos e partilhados por toda a organização.

“Uma empresa precisa de ser ágil, reagir à mudança e ajustar-se com rapidez a cada momento.”

Além disso, temos de estar dispostos a aprender sempre, cultivando uma mentalidade de crescimento que nos permita evoluir e encontrar soluções inovadoras perante os desafios. Só com este alinhamento e vontade constante de aprender é possível superar obstáculos e alcançar resultados sustentáveis.

Como motivar pessoas a trabalharem na mesma direção?

Para motivar pessoas, é crucial definir uma visão clara e inspiradora, garantindo que todos se sintam parte desse objetivo comum.

É essencial que essa visão seja comunicada de forma constante e transparente, para que cada membro da equipa saiba exatamente qual é o objetivo comum e como pode contribuir para alcançá-lo.

D.

Além disso, é fundamental valorizar e reconhecer os esforços individuais, destacando o impacto de cada contribuição. Isso fortalece o sentimento de pertença e de responsabilidade dentro do Grupo José de Mello. Manter um ambiente de confiança, onde todos se sintam respeitados e reconhecidos, é crucial para manter a motivação e o compromisso de todos, especialmente ao enfrentarmos novos desafios.

No nosso caso, os colaboradores sempre foram o principal ativo do Grupo José de Mello. Foi através da sua dedicação, profissionalismo e competência que conseguimos percorrer o caminho do crescimento e alcançar os resultados desejados.

Celebrar o esforço coletivo é o que nos permite continuar a avançar como uma equipa unida e focada no sucesso.

"Para motivar pessoas, é crucial definir uma visão clara e inspiradora, garantindo que todos se sintam parte desse objetivo comum."

Como otimizar o teletrabalho?

Para otimizar o teletrabalho, é necessário promover flexibilidade com responsabilidade, permitindo a gestão autónoma do tempo, mas mantendo a disciplina para assegurar produtividade.

Para isso, é fundamental investir em comunicação, em ferramentas adequadas e em formação que capacite as pessoas e que facilite a colaboração e a gestão de tarefas à distância. Além disso, é importante valorizar o equilíbrio entre vida pessoal e profissional, ajudando as equipas a manterem-se motivadas e saudáveis.

Mas temos de ter consciência que para muitos trabalhadores, o trabalho remoto não é uma solução, o que obriga a encontrar soluções que sejam justas e adequadas.

Que conselhos dá a jovens empreendedores?

Para os jovens empreendedores, o meu conselho é investir no desenvolvimento pessoal, com foco nas *soft skills*, essenciais para liderar e motivar equipas.

Escolham bem as pessoas com quem vão trabalhar – as melhores parcerias nem sempre vêm de quem concorda com tudo o que vocês dizem, mas sim de quem os desafia a crescer e a pensar de maneira diferente.

Apostem numa comunicação clara e constante. Lembrem-se de que é melhor comunicar em excesso do que deixar espaço para mal-entendidos ou desalinhamentos. Preparem as vossas empresas para a mudança, pois a adaptabilidade é um fator-chave para o sucesso e a longevidade no mundo dos negócios.

"Acreditem nas vossas ideias, não tenham medo de falhar, mas estejam sempre abertos a aprender com os erros e a ajustar o percurso quando necessário."

Acima de tudo, façam o que gostam. Acreditem nas vossas ideias, não tenham medo de falhar, mas estejam sempre abertos a aprender com os erros e a ajustar o percurso quando necessário. Procurem mentores e ouçam aqueles que já trilharam o caminho antes de vocês. Cultivem a perseverança, pois o sucesso muitas vezes depende da capacidade de se reerguer e de continuar em frente.

D.

O que é mais importante numa negociação?

Para mim, o mais importante numa negociação é a escuta ativa. Compreender as necessidades reais da outra parte e procurar soluções que tragam benefícios mútuos é fundamental para construir relações de confiança e acordos duradouros, evitando conflitos desnecessários.

Qual é um conselho que o marcou positivamente/negativamente?

O conselho que mais me marcou positivamente foi “Nunca pare de aprender”, pois inspira-me a buscar conhecimento e aprimoramento constantes. Em contrapartida, ouvir “Evite correr riscos” foi algo que considerei negativo, já que acredito que a inovação depende da coragem de aceitar incertezas e de sair da zona de conforto.

Qual é uma estratégia que aplica tanto em negociações como na vida?

A estratégia que aplico, tanto em negociações quanto na vida, baseia-se na empatia e numa visão de longo prazo, valorizando as relações e a construção de confiança.

Ao construir relações de confiança com uma comunicação clara e sincera, consigo alinhar interesses individuais com objetivos coletivos, criando um ambiente sustentável para decisões e acordos com benefícios para todos.



Diurna.

O Jornal Nacional dos Estudantes da Universidade Católica Portuguesa
Porto | Lisboa | Braga | Viseu

D.

A CURVA DE LAFFER POR CATARINA REIS



Diurna.

O Jornal Nacional dos Estudantes da Universidade Católica Portuguesa.
Porto | Lisboa | Braga | Viseu

D.

Hoje vou falar sobre impostos e sobre a curva de Laffer. A curva de Laffer descreve como a receita fiscal varia com a taxa de imposto. Se começarmos com uma taxa de imposto baixa, então é expectável que a receita aumente quando subimos a taxa de imposto. No entanto, à medida que o imposto aumenta a receita tende a aumentar cada vez menos pois a subida da taxa causa a erosão da base fiscal.

A partir de certa altura o impacto do aumento da taxa na receita torna-se negativo, e caímos na parte decrescente da curva de Laffer. Assim, esta curva apresenta uma receita nula para taxas de imposto de zero ou 100%, a grande diferença é que na taxa de 100% a economia morreu.

A curva de Laffer tem duas implicações. A primeira é que existe um nível máximo de receita que a autoridade tributária consegue recolher, embora ninguém saiba exatamente qual a receita máxima ou a taxa com que lá chegamos. A segunda é que é sempre preferível estar do lado crescente da curva de Laffer, pois do lado decrescente estamos a causar distorções adicionais na economia sem qualquer benefício em termos de receita fiscal.

Esta discussão é atualmente pertinente pois existe evidência de que as economias atuais possam estar próximo do máximo da curva de Laffer. Neste artigo não vou discutir se passámos ou não já para a parte decrescente da curva, mas vou falar do enorme custo para a economia de estarmos perto do topo.

“Esta discussão é atualmente pertinente pois existe evidência de que as economias atuais possam estar próximo do máximo da curva de Laffer.”

Em geral, quando um governo benevolente desenha os impostos, tem dois objetivos: o de maximizar o bem-estar social, e o de recolher receita fiscal para financiar as suas despesas. Por exemplo, quando um imposto progressivo como o IRS é desenhado, há um objetivo redistributivo ao mesmo tempo que o estado tenta assegurar determinada receita fiscal.

D.

O grande problema é que quando o objetivo para a receita a recolher aumenta, reduz-se o peso no bem-estar e a partir de certa altura a política fiscal visa apenas recolher a maior receita possível.

“(…) quando um governo benevolente desenha os impostos, tem dois objetivos: o de maximizar o bem-estar social, e o de recolher receita fiscal para financiar as suas despesas.”

Algumas das opções fiscais atuais refletem exatamente esta preocupação exclusiva com a maximização de receita fiscal. Por exemplo, o regime preferencial de IRS para jovens e residentes não habituais não faz sentido em termos de equidade, mas faz sentido em termos de maximização da receita fiscal, pois a oferta de trabalho destes grupos é muito mais elástica que a dos restantes contribuintes, dado que consideram com maior facilidade uma realocação para o estrangeiro.

No entanto, muitas das opções que surtem efeito no curto prazo podem não funcionar a médio e longo prazo. Os regimes tributários excecionais, dada a sua natureza temporária, podem ter um efeito perverso quando expiram, pois quando os seus beneficiários transitam para o regime geral com impostos demasiado elevados acabam por abandonar o país.

Para conseguirmos assegurar um crescimento harmonioso é necessário que a carga fiscal deixe de estrangular a economia. Mas isso só é possível se houver moderação do lado dos gastos públicos. É preciso lembrar que cada euro gasto no setor público não é só um euro que foi retirado ao setor privado, é um euro que deitou à rua mais dois ou três na ineficiência que gerou. E quanto mais próximos estivermos do topo da curva de Laffer maior será este custo.

“(…) isso só é possível se houver moderação do lado dos gastos públicos. É preciso lembrar que cada euro gasto no setor público não é só um euro que foi retirado ao setor privado, é um euro que deitou à rua mais dois ou três na ineficiência que gerou.”

Catarina Reis

Professora Associada de
Economia da Católica Lisbon School of Business and Economics

D.

CRIATIVIDADE INTELIGENTE
NÃO ARTIFICIAL

POR LOURENÇO FERNANDES THOMAZ

Diurna.

O Jornal Nacional dos Estudantes da Universidade Católica Portuguesa.
Porto | Lisboa | Braga | Viseu

D.

Há 10 dias atrás em San Sebastian, assisti a uma conferência no Clube de Criativos de Espanha de Laia Grassi (Directora Criativa de Publicidade Generativa IA) muito interessante que só veio confirmar a minha teoria sobre o uso de IA na criatividade, seja a criatividade publicitária ou de qualquer outro tipo.

Sempre pensei que a IA nunca viria a ter um papel na criatividade, que há coisas que só nós os Humanos podemos ser criativos, até porque a criatividade é um processo de inovação, de fazer diferente, de fazer apaixonadamente e não sobre uma base de dados que já existe na internet.

Falando agora de publicidade e comunicação o processo criativo é também um processo do nosso estado de alma, se queremos ser realmente criativos temos que estar muito envolvidos, eu diria até que é um estado de alma que vamos passando para as nossas peças. Se não sentirmos o que estamos a fazer, se não sentirmos a reação das pessoas quando virem a nossa “peça”, se não formos relevantes para essas mesmas pessoas e para a sociedade, se não formos únicos então não estamos a ser realmente criativos. E por isso é que penso que a verdadeira criatividade nunca irá precisar de Inteligência Artificial, muito menos dizer que a IA poderá um dia substituir a criatividade.

“Se não sentirmos o que estamos a fazer, se não sentirmos a reação das pessoas quando virem a nossa “peça”, se não formos relevantes para essas mesmas pessoas e para a sociedade, se não formos únicos então não estamos a ser realmente criativos.”

Uma coisa é falar que a IA terá um papel importantíssimo na visualização da nossa criatividade, um papel fundamental na maquetização no nosso processo criativo, ser um short-cut em algumas fases desse mesmo processo, aí sim estou claramente de acordo. A IA terá lugar em algumas fases dos nossos processos criativos, mas do processo em si, nunca da criatividade. E é por isso que não percebo as pessoas, nestes casos os criativos, que têm medo da Inteligência Artificial, para quê ter medo? O que devemos fazer é aceitá-la, abraçá-la e usá-la em nosso proveito.

“Uma coisa é falar que a IA terá um papel importantíssimo na visualização da nossa criatividade, uma papel fundamental na maquetização no nosso processo criativo, ser um short-cut em algumas fases desse mesmo processo, aí sim estou claramente de acordo.”

Mas a verdade é que esse medo é normal, aconteceu em todas as épocas de mudança ao longo da nossa história, se recuarmos um pouco e irmos até à Revolução Industrial conseguimos observar exatamente esse mesmo medo. Nessa altura as pessoas e a sociedade tinham medo que as máquinas viessem a substituir as pessoas e que essas mesmas pessoas viriam a ser dispensáveis. E a Revolução Industrial é só um exemplo de um período onde existia o mesmo medo que existe hoje, há N exemplos ao longo da civilização. O medo da mudança, o medo de sermos substituíveis.

D.

Isso não aconteceu, não está a acontecer e nunca irá acontecer em Criatividade.

Laia Grassi até criou os seus Mandamentos para a Era da IA, bastante interessantes e que com um conteúdo que funciona quase como um livro de Auto Ajuda para quem tem mais dificuldades em aceitar esta nova fase que estamos a passar. Aqui escrevo 2 ou 3 que me chamaram mais à atenção e que já toquei aqui em cima :

- Não temerás a IA: A IA não é teu inimigo. É teu aliado. É teu colaborador. É teu amplificador no teu processo criativo.
- Cultivarás a tua Humanidade: A IA pode fazer muitas coisas, mas não pode sentir, não pode simpatizar, não pode julgar. Cultiva as tuas habilidades humanas: o pensamento crítico, a inteligência emocional, o juízo ético.
- Aprenderás a dançar com a IA: Não resistas à mudança. Abraça a simbiose Homem-Máquina. Desenvolve as tuas habilidades que te permitam colaborar com a IA de uma forma efetiva.

Estes são alguns dos Mandamentos de Laia Grassi, que ajudam-nos a comprovar que nada temos a temer, e que a mim pessoalmente dão-me alguma satisfação porque desde há 2/3 anos é o que penso, é o que eu assisto nas minhas agências e é também o que eu depreendo no meu próprio processo criativo.

Lanço aqui um repto a todos vocês, lembrem-se de qualquer período da nossa História Mundial, qualquer período de Mudança, e estudem bem esse período e como as pessoas que viveram nesses tempos reagiram a essas mudanças, vão ver que é exatamente a mesma coisa, sem tirar nem pôr. Nesta Era da IA só há uma coisa que realmente me assusta e nada tem a haver com o processo criativo mas sim com a rapidez e velocidade que as coisas andam, e isso sim é totalmente diferente de épocas passadas. Por isso quanto mais cedo nos adaptarmos a esta nova realidade mais proveito vamos tirar disso, neste caso da IA. Quem não a quiser aceitar, quem não aprender a “dançar” com a IA vai ficar de fora porque a velocidade é tanta que depois já não irá a tempo.

“Por isso quanto mais cedo nos adaptarmos a esta nova realidade mais proveito vamos tirar disso, neste caso da IA. ”

Lourenço Fernandes Thomaz

Iberia Chief Creative Officer e EMEA Chief Creative Officer

D.

**SOCIEDADE DO
ROBÔ
ANIMALESCO**
POR LUCA ROMANELLO

Diurna.

O Jornal Nacional dos Estudantes da Universidade Católica Portuguesa.
Porto | Lisboa | Braga | Viseu

D.

A Necessidade da Monitorização Ambiental

Nos últimos 50 anos (1970–2020), as populações de vida selvagem diminuíram 73%, com as espécies de água doce a sofrerem a maior queda (85%), seguidas pelas terrestres (69%) e marinhas (56%), de acordo com o Índice Planeta Vivo (LPI) ¹.

As atividades humanas e as alterações climáticas continuam a ameaçar os ecossistemas, tornando a monitorização contínua crucial. A recolha tradicional de dados é dispendiosa, demorada e frequentemente limita o acesso a áreas extremas. Métodos estes, como técnicas de corda única em florestas ou a utilização de barcos e grandes rovers na água são caros, ineficientes e representam riscos para os investigadores e os ecossistemas.

A robótica oferece uma solução escalável e eficiente, permitindo o alcance de ambientes extremos como ecossistemas de águas profundas, regiões polares e florestas densas, reduzindo simultaneamente o impacto humano.

“As atividades humanas e as alterações climáticas continuam a ameaçar os ecossistemas, tornando a monitorização contínua crucial. A recolha tradicional de dados é dispendiosa, demorada e frequentemente limita o acesso a áreas extremas.”

O papel da Robótica na Monitorização

Os robôs potenciam o sensoriamento ambiental ao possibilitarem a recolha dinâmica de dados em áreas onde a presença humana é impraticável ou disruptiva. Podem autonomamente recolher amostras de DNA, monitorizar em tempo real através de câmaras e microfones, recolher folhas em florestas e obter dados aquáticos, melhorando significativamente a integridade dos dados enquanto minimizam o impacto humano. O objetivo é desenvolver soluções “plug-and-play” que tornem a recolha de dados mais segura e eficiente para biólogos, permitindo a sua utilização imediata sem necessidade de configurações complexas.

“Os robôs potenciam o sensoriamento ambiental ao possibilitarem a recolha dinâmica de dados em áreas onde a presença humana é impraticável ou disruptiva.”

¹ WWF. Living Planet Report 2024 – A System in Peril. Gland, Switzerland: WWF, 2024.

D.

As soluções robóticas tradicionais incluem rovers subaquáticos² e drones aéreos para a monitorização de florestas³. Apesar de eficazes, estes métodos ainda requerem intervenção humana e podem perturbar os ecossistemas. O desafio passa por evoluir para uma monitorização ambiental autónoma e harmonizada com a natureza, minimizando perturbações no seu equilíbrio.

“As soluções robóticas tradicionais incluem rovers subaquáticos⁴ e drones aéreos para a monitorização de florestas⁵. Apesar de eficazes, estes métodos ainda requerem intervenção humana e podem perturbar os ecossistemas.”

Para Além da Inteligência Artificial: Inteligência Física na Robótica

Os avanços na inteligência artificial (IA) melhoraram significativamente a autonomia dos robôs, permitindo navegação, reconhecimento de padrões e tomada de decisão. No entanto, a inteligência na natureza não se restringe ao cérebro — a inteligência física é igualmente crucial. Os robôs destacam-se em tarefas cognitivas, como jogar GO⁶ ou diagnosticar doenças⁷, mas enfrentam dificuldades em tarefas físicas tão simples como abrir uma porta, devido a desafios técnicos em hardware, como atuadores, sensores e fontes de energia⁸.

“No entanto, a inteligência na natureza não se restringe ao cérebro — a inteligência física é igualmente crucial.”

No sensoriamento ambiental, a inteligência física permite a interação segura com a natureza. A biomimética na locomoção — bater de asas, saltar, rastejar, caminhar e estratégias multimodais — e as adaptações estruturais,

² Kevin C Galloway, Kaitlyn P Becker, Brennan Phillips, Jordan Kirby, Stephen Licht, Dan Tchernov, Robert J Wood, and David F Gruber. “Soft robotic grippers for biological sampling on deep reefs”. In: *Soft robotics* 3.1 (2016), pp. 23–33.

³ Xin Zhou, Xiangyong Wen, Zhepei Wang, Yuman Gao, Haojia Li, Qianhao Wang, Tiankai Yang, Haojian Lu, Yanjun Cao, Chao Xu, et al. “Swarm of micro flying robots in the wild”. In: *Science Robotics* 7.66 (2022).

⁴ Kevin C Galloway, Kaitlyn P Becker, Brennan Phillips, Jordan Kirby, Stephen Licht, Dan Tchernov, Robert J Wood, and David F Gruber. “Soft robotic grippers for biological sampling on deep reefs”. In: *Soft robotics* 3.1 (2016), pp. 23–33.

⁵ Xin Zhou, Xiangyong Wen, Zhepei Wang, Yuman Gao, Haojia Li, Qianhao Wang, Tiankai Yang, Haojian Lu, Yanjun Cao, Chao Xu, et al. “Swarm of micro flying robots in the wild”. In: *Science Robotics* 7.66 (2022).

⁶ D. Silver et al, “Mastering the game of Go with deep neural networks and tree search,” *Nature*, vol. 529, pp. 484–489, 2016. DOI: 10.1038/nature16961

⁷ X. Wang et al, “A pathology foundation model for cancer diagnosis and prognosis prediction,” *Nature*, vol. 634, pp. 970–978, Sep. 2024. DOI: 10.1038/s41586-024-07150-0

⁸ “AI does not mean the robots are coming,” *Financial Times*, Dec. 2024. [Online]. Available: <https://www.ft.com/content/84414ad5-6157-4f36-a27a-1366868a25ca>

D.

como a autorregeneração⁹, crescimento¹⁰, microrrobótica¹¹ e design evolutivo¹², aumentam a adaptabilidade, enquanto técnicas como o pouso conservam energia. Além disso, os comportamentos em enxame melhoram a coordenação, e a robótica bioinspirada auxilia na validação de hipóteses biológicas sobre estruturas e comportamentos animais.¹³

Os materiais sustentáveis desempenham um papel fundamental na redução do impacto ecológico. Componentes biodegradáveis garantem que os sistemas robóticos não deixem uma pegada ecológica duradoura¹⁴, especialmente em habitats sensíveis. As abordagens bio-híbridas, onde os robôs se integram com organismos vivos, abrem novas possibilidades – como a incorporação de sensores robóticos em grupos de animais para estudar comportamentos a partir de dentro¹⁵. Estes avanços podem levar a sistemas de monitorização simbióticos que se fundem perfeitamente nos ecossistemas.

“Os materiais sustentáveis desempenham um papel fundamental na redução do impacto ecológico (...)”

Novas direções na Robótica Ambiental

Os veículos aéreos não tripulados (UAVs) permitem aceder a áreas de difícil alcance com mínima perturbação, desbloqueando novos locais de amostragem essenciais para estudos de biodiversidade. Os robôs bioinspirados estão a transformar a investigação ambiental ao adaptarem-se de forma mais eficaz ao meio envolvente. Garras robóticas suaves possibilitam a manipulação delicada de organismos marinhos, enquanto robôs trepadores e de crescimento navegam através da vegetação densa sem causar grandes perturbações. Uma vez mais, estes designs enfatizam a integração na natureza em vez da sua interferência.

⁹ Emanuela Del Dottore, Alessio Mondini, Nick Rowe, and Barbara Mazzolai. “A growing soft robot with climbing plant-inspired adaptive behaviors for navigation in unstructured environments”. In: *Science Robotics* 9.86 (2024), eadi5908. doi:10.1126/scirobotics.adi5908.

¹⁰ Seppe Terryn, Joost Brancart, Dirk Lefeber, Guy Van Assche, and Bram Vanderborght. “Self-healing soft pneumatic robots”. In: *Science Robotics* 2.9 (2017).

¹¹ Yufeng Chen, Huichan Zhao, Jie Mao, Pakpong Chirarattananon, E. Farrell Helbling, Nak seung Patrick Hyun, David R. Clarke, and Robert J. Wood. “Controlled flight of a microrobot powered by soft artificial muscles”. In: *Nature* 575.7782 (2019),

¹² Michael Ishida et al. “Paleo-inspired robotics as an experimental approach to the history of life”. In: *Science Robotics* 9 (2024).

¹³ J. A. Nyakatura, K. Melo, T. Horvat, K. Karakasiotis, V. R. Allen, A. Andikfar, E. Andrada, P. Arnold, J. Lauströer, J. R. Hutchinson, M. S. Fischer, and A. J. Ijspeert, “Reverse-engineering the locomotion of a stem amniote,” *Nature*, vol. 565, pp. 351–355, 2019; P. Ramdya and A. J. Ijspeert, “The neuromechanics of animal locomotion: From biology to robotics and back,” *Sci. Robot*, vol. 8, 2023, eadg0279.

¹⁴ S. S. Sethi, M. Kovac, F. Wiesemüller, A. Miriyev, and C. M. Boutry, “Biodegradable sensors are ready to transform autonomous ecological monitoring,” *Nat. Ecol. Evol*, vol. 6, no. 9, pp. 1245–1247, 2022. DOI: 10.1038/s41559-022-01824-w

¹⁵ J. Halloy et al., “Social integration of robots into groups of cockroaches to control self-organized choices,” *Science*, vol. 318, pp. 1155–1158, 2007. DOI: 10.1126/science.1144259.

D.

Iniciativas globais como o desafio XPRIZE¹⁶ estão a impulsionar avanços na monitorização autónoma dos oceanos, exploração das profundezas marítimas e sensoriamento florestal. Competições realizadas na Amazónia e em ambientes oceânicos têm conectado engenheiros, biólogos e comunidades locais, fomentando esforços de investigação multimilionários. Uma competição recente na Amazónia demonstrou o potencial das soluções robóticas, com várias equipas a identificarem mais de 200 espécies em apenas 24 horas. Estes esforços aceleram o desenvolvimento de sistemas autónomos de monitorização ambiental e promovem a colaboração entre disciplinas.

“Garras robóticas suaves possibilitam a manipulação delicada de organismos marinhos, enquanto robôs trepadores e de crescimento navegam através da vegetação densa sem causar grandes perturbações.”

O Futuro da Robótica Ambiental

A próxima fase do sensoriamento robótico envolverá redes de sensores multimodais, integrando sistemas robóticos aéreos, terrestres e subaquáticos para uma monitorização ambiental abrangente. Os robôs complementarão cada vez mais os investigadores humanos, aprofundando a compreensão ecológica enquanto reduzem os riscos do trabalho de campo.

“A próxima fase do sensoriamento robótico envolverá redes de sensores multimodais, integrando sistemas robóticos aéreos, terrestres e subaquáticos para uma monitorização ambiental abrangente.”

Para além da observação passiva, os robôs do futuro deverão tornar-se participantes ativos nos ecossistemas. Ao replicarem características físicas, movimentos e comportamentos animais, poderão integrar-se nas estruturas sociais para estudar comportamentos a partir de dentro. Por exemplo, robôs inspirados em formigas, abelhas ou baratas poderão validar hipóteses biológicas sobre inteligência coletiva e coordenação¹⁷, bem como influenciar o comportamento animal para apoiar esforços de conservação, como a monitorização de espécies em risco ou o controlo de populações invasoras.

¹⁶ <https://www.xprize.org/prizes/rainforest>

¹⁷ R. Barmak, M. Stefanec, D. N. Hofstadler, L. Piötet, S. Schönwetter-Fuchs-Schistek, F. Mondada, T. Schmickl, and R. Mills. “A robotic honeycomb for interaction with a honeybee colony”. In: *Science Robotics* 8 (2023)

D.

“Por exemplo, robôs inspirados em formigas, abelhas ou baratas poderão validar hipóteses biológicas sobre inteligência coletiva e coordenação (...)”

No entanto, a integração da robótica nos ecossistemas naturais levanta questões éticas: a implementação destas tecnologias deve ser guiada por práticas responsáveis que respeitem tanto as culturas locais quanto o equilíbrio ambiental. Como pode a investigação de campo em locais como a Amazónia ou a Gronelândia alinhar-se com os direitos das comunidades indígenas? De que forma podemos garantir que os dados recolhidos beneficiam tanto as comunidades locais quanto os esforços globais de conservação? Responder a estas questões é essencial para garantir que a robótica ambiental não só avance apenas o conhecimento científico, mas também sirva como uma ferramenta para a conservação sustentável, evitando perturbações ecológicas imprevistas.

Luca Romanello

Phd Sustainable aerial robotics for environmental sensing



Diurna

O Jornal Nacional dos Estudantes da Universidade Católica Portuguesa
Porto | Lisboa | Braga | Viseu

D.

PLURALISMO E A QUESTÃO DO HUMANO

UMA PERSPETIVA DE ÉTICA TEOLÓGICA
POR J.M. PEREIRA DE ALMEIDA



D.

Certamente muitos conhecemos aquele brinde de Godfrey H. Hardy (1877-1942), no ambiente acadêmico de Cambridge, quando, levantando a sua taça, exclamou: “À matemática pura, para que nunca encontre aplicação”. No que à ética diz respeito, encontramos-nos em sentido contrário. Movemo-nos no concreto das circunstâncias que são as nossas e fora das circunstâncias concretas não é possível uma reflexão ética consequente.

Ora, o contexto cultural que é o nosso está marcado pelo pluralismo ético. É um pluralismo que emerge em todos os âmbitos da nossa vida: não se trata de simples diversidade de gostos ou de algumas opções pouco significativas. Trata-se de cultura, de mentalidade corrente, de convicções pessoais. De facto, a diversidade é profunda e diz respeito ao modo de interpretar o sentido da nossa existência e os valores que perseguimos. Falando em “valores”, é preciso dizer que uma cultura pluralista exprime, é claro, o valor do respeito recíproco, que é um valor muito importante. Mas a realidade do pluralismo traduz também a incapacidade de entendimento, mesmo acerca de valores fundamentais. Neste sentido, revela uma derrota para a humanidade, ou seja, para a capacidade humana de vivermos juntos partilhando significados e valores, finalidades e meios. Num determinado âmbito da existência, determinado valor que é afirmado por uns, pode ser negado por outros. Os juízos que se fazem sobre a hierarquia de valores são divergentes, com muitas e variadas diferenças. O que poderá, eventualmente, levar-nos a desistir... E desistir significaria deixar de procurar os caminhos de um mundo mais humano.

A reflexão ética não pode de modo nenhum substituir-se às análises e às reflexões próprias das outras disciplinas, com a sua competência específica. A ética não pode senão reconhecer a autonomia de cada disciplina no seu próprio âmbito.

Ao mesmo tempo, porém, a ética não pode deixar de exigir que seja reconhecida a sua própria autonomia e especificidade, sem ser reduzida ao âmbito do privado e do opinável. A pretensão ética, ao deixar-se provocar pelos resultados das outras ciências, é a de se interrogar sobre a questão do humano, sobre o valor pessoal, em tudo o que pertence à construção do nosso mundo. Acerca, por exemplo, das relações económicas ou das relações empresariais, a ética não tem soluções “técnicas” a propor; mas tem de recordar que também essas relações (económicas ou empresariais) são relações humanas. Pergunta-nos pela qualidade humana das relações que esta ou aquela estruturação de relações económicas ou empresariais comporta. São perguntas que dizem respeito à finalidade pretendida e aos meios assumidos para a alcançar.

“(…) a ética não pode deixar de exigir que seja reconhecida a sua própria autonomia e especificidade, sem ser reduzida ao âmbito do privado e do opinável.”

D.

Mas falta falar da nossa experiência. A experiência humana da presença dos outros na nossa vida é o “dom” que nos é dado de podermos ser pessoas. As possibilidades de vida humana são dadas pelo facto de que outros nos dão a possibilidade de viver, nos tornam possível o viver pessoal. Cada um de nós, pela sua experiência, tem um certo saber de ética. A experiência moral corresponde a um património que não pode ser colocado entre parênteses, que não pode ser ignorado. Antes, quem aprofunda questões de ética não pode não contar com a nossa comum experiência humana: a experiência é um lugar de saber moral.

“A experiência humana da presença dos outros na nossa vida é o “dom” que nos é dado de podermos ser pessoas.”

A instância da honestidade corresponde à capacidade que todos temos de responder, com liberdade, diante dos outros, pelo bem concretamente possível a cada um de nós, nas circunstâncias concretas que são as nossas, dando particular atenção às consequências do agir concreto. E isto está ao alcance de todos, não é nada de inacessível.

De facto, todo o viver ético comporta esta fadiga: pôr em jogo, sem descanso, com sinceridade, de olhos abertos, a própria liberdade responsável.

J.M Pereira de Almeida

Vice-Reitor da Universidade Católica Portuguesa

D.

PERSONALIDADE EM DESTAQUE
Ricardo Baptista Leite

D.

RICARDO BAPTISTA LEITE

O Dr. Ricardo Baptista Leite é um médico com formação em infecciologia, gestor, autor, professor universitário, analista e político português. É o CEO da 'Health AI – Agência Global para a Inteligência Artificial responsável na Saúde' e vereador na Câmara Municipal de Sintra. Em 2024, foi anunciado como Líder Global da Fundação Obama, tornando-se o primeiro português a integrar o restrito grupo de líderes. É Presidente e Fundador da 'UNITE Parliamentarians Network for Global Health', uma rede mundial de atuais e antigos legisladores de parlamentos, congressos e senados, presente em mais de 115 países, em parceria com a Organização Mundial da Saúde. É chair e fundador do 'Global Health Policy Lab', um centro académico com sede em Berlim que resulta da colaboração entre a Universidade de Harvard e a Universidade de Charité. Em Portugal, é chair do Center for Global Health da NOVA IMS, um centro académico que pretende acelerar a transformação das recomendações baseadas em ciência em políticas públicas que contribuam para gerar valor em 'saúde'. Foi deputado à Assembleia da República Portuguesa pelo Partido Social Democrata por 4 mandatos, onde foi Vice-Presidente do Grupo Parlamentar, e ainda foi Vice-Presidente e Vereador da Câmara Municipal de Cascais.

Nesta entrevista foram abordados temas relacionados com a infecciologia, saúde pública e inteligência artificial. O Dr. Ricardo Baptista Leite partilhou ainda a sua experiência enquanto voluntário médico durante a pandemia de COVID-19 e na Ucrânia.

"(...) é fundamental sermos honestos connosco próprios. Saber ouvir-nos a nós próprios, ouvir o nosso corpo, a nossa mente, o nosso coração, estarmos alinhados connosco e estarmos em paz, porque só estando bem é que conseguimos servir verdadeiramente os outros."

O que o fez escolher formar-se em infecciologia e interessar-se por saúde pública?

Eu entrei no curso de medicina com uma enorme paixão pelas ciências da vida sem uma ideia concreta de qual seria a minha área de especialização futura.

Quando a meio do curso comecei a perceber qual seria a minha tendência natural, a minha vocação, percebi que o meu coração tendia claramente para os temas de saúde global. Naturalmente, a minha paixão paralela pela política trazia-me também para os temas das políticas de saúde e, portanto, da saúde pública. Por este motivo, inicialmente considerei prosseguir com a especialização em saúde pública. Contudo, quando chegou a hora de poder escolher o caminho de internato que queria, ficou claro para mim que seria importante para mim manter a experiência clínica e o contacto com os doentes, de poder trabalhar no contexto hospitalar – aspeto que, à data, considerei não encontrar no internato em saúde pública. Assim, encontrei na infecciologia um mundo clínico muito próximo aos temas da saúde global e da saúde pública, uma forte dimensão epidemiológica, pelo que considero que ter prosseguido para a área de especialização na infecciologia foi uma das melhores decisões que eu tomei por várias razões.

D.

Primeiramente, porque esta área tem uma forte ligação aos temas da saúde que tenho trabalhado ao longo de todo o meu percurso profissional. Por outro lado, abriu uma porta para compreender melhor aquilo que são os determinantes sociais da saúde. Passei a compreender melhor que há um conjunto de problemas de saúde que ocorrem na vida das pessoas que são muito condicionados por fatores que vão muito para além da clínica. A condição económica, a condição social, o sítio onde vivemos, o sítio onde trabalhamos, as nossas decisões comportamentais – tudo isto afeta a nossa saúde. Isso vê-se muito bem no campo da tuberculose, do VIH, das hepatites virias, onde percebemos que não raras vezes só o facto de nascermos num determinado sítio ou num determinado contexto é só por si uma lotaria. Esta área também me tornou muito mais sensível para as necessidades das pessoas e para as situações de maior vulnerabilidade. Percebi que os problemas de saúde só se resolverão se conseguirmos ter esta visão completa do ser humano e daquilo que determina a sua saúde. Não podemos ter uma visão apenas e só focada na doença e na vertente clínica.

“Percebi que os problemas de saúde só se resolverão se conseguirmos ter esta visão completa do ser humano e daquilo que determina a sua saúde.”

Como é que começou a sua vida política? Sempre foi algo que o interessou?

A política em sentido lato sempre me interessou. Desde criança que acompanho os temas da atualidade. Aliás, o meu primeiro emprego foi com 8/9 anos de idade no Canadá, país onde eu nasci, a distribuir jornais. Uma das razões pelas quais eu gostava deste trabalho era porque me permitia receber os jornais todos os sábados às 6 da manhã, antes de toda a gente, e ler os títulos dos jornais antes de os distribuir pelo bairro.

No fundo desde pequeno que tem interesse em saber o que se passa no mundo?

Sim, sempre tive. Os meus pais tiveram alguma influência em manter-me sempre atento ao mundo. Também durante a minha infância, participei numa visita de estudo ao Parlamento provincial de Ontário, em Toronto, onde nasci e vivi até aos 11 anos de idade. Nesse momento, eu fiquei fascinado com a existência de membros do parlamento, porque não conhecia o conceito de pessoas que são eleitas e que, no fundo, são escolhidas pela comunidade para tomar decisões em nome dessa mesma comunidade. Achei esse simples conceito fascinante. Naquela altura, os jovens que distribuía copos de água aos parlamentares eram os melhores alunos da província, pelo que, naquele momento, isso passou a ser um objetivo de vida para mim (riso) e, portanto, motivou-me ainda a estudar ainda mais e a tentar ter as melhores notas possíveis. Isto para referir que o fascínio pela política vem muito de trás.

D.

Com 11 anos vim para Portugal, tive que aprender a língua portuguesa e foi uma fase muito complexa, mas aos poucos comecei a sentir-me mais à vontade. Na Escola Secundária, fui Presidente da Associação de Estudantes da minha escola, o Colégio Marista de Carcavelos, e, mais tarde, envolvi-me na vida associativa da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade NOVA de Lisboa. Fui sempre estando envolvido no mundo associativo, mas com 19/20 anos de idade senti que para ter um impacto ainda maior em Portugal haveria uma necessidade de me associar a um partido político, porque os partidos têm no nosso país uma forte influência naquilo que era a vida pública.

“Fui sempre estando envolvido no mundo associativo, mas com 19/20 anos de idade senti que para ter um impacto ainda maior em Portugal haveria uma necessidade de me associar a um partido político, porque os partidos têm no nosso país uma forte influência naquilo que era a vida pública.”

Comecei a ler os manifestos de todos os partidos, desde o PCP ao CDS. Claramente não me identifiquei com determinados partidos, mas posso afirmar que me identifiquei de imediato com o pensamento político de Francisco Sá Carneiro, fundador do Partido Social Democrata. Na altura, comentei este assunto com os meus pais, que não tinham ligações políticas. Curiosamente, pouco depois, a minha mãe encontrou o Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa numa fila no notário em Oeiras e com quem comentou que eu tinha mencionado em casa que tinha um certo fascínio por Francisco Sá Carneiro e pelo seu pensamento. O Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa que tinha deixado de ser Presidente do PSD há pouco tempo, pediu a nossa morada à minha mãe e, passados poucos dias, enviou-me uma carta com uma ficha de militante do PSD. Na altura, interpretei isto como sendo o sinal que eu precisava para me tornar militante e foi aí que começou o meu envolvimento com o Partido Social Democrata.

Voltou à prática clínica na pandemia e também fez voluntariado na Ucrânia, como é que foram essas experiências, quais são as coisas que acha que nunca esquecerá, o que é que estas experiências lhe trouxeram?

Começando pela pandemia foi uma fase muito difícil para todos os profissionais de saúde e isso ficou muito evidente assim que começaram a surgir os primeiros casos na Europa. Na época, eu estava no Parlamento como Deputado à Assembleia da República, mas tendo uma formação em infeciologia senti uma obrigação moral de ajudar como podia. Portanto, durante a semana estava no Parlamento e ao fim de semana, todos os sábados, durante aproximadamente um ano, durante as fases mais difíceis da pandemia, estive no chamado Covidiário do Hospital de Cascais, o nome que se dava ao espaço no serviço de urgência de atendimento a doentes com suspeita de infeção por SARS-CoV-2.

D.

Foi naturalmente uma fase muito complexa, mas conseguiu ser também uma fase bastante recompensadora por poder ter estado ao lado dos meus colegas profissionais de saúde. Os colegas agradeciam sempre a presença, porque naquela altura toda a ajuda era pouca. Mais, pediam-me para continuar a usar a minha 'voz' como político para fazer chegar as preocupações e dificuldades sentidas no terreno a quem de direito.

Pessoalmente, e encaro-o como uma lição de vida, essa experiência hospitalar permitiu-me manter ligado à realidade. Quando uma pessoa exerce funções políticas - seja como membro do Governo, no Parlamento, no Palácio de São Bento - é muito fácil ficar desligado daquilo que é o mundo real. O facto de durante aquela fase estar tão próximo do terreno, dos colegas, do dia à dia do SNS, permitiu-me perceber as dificuldades, os desafios e falar com conhecimento de causa. Muitas vezes eram os próprios colegas que me pediam para denunciar determinadas situações, para apelar a determinadas mudanças, porque no fundo eu tinha uma voz que eles não tinham. Foi uma experiência enriquecedora onde senti que humildemente contribuí para fazer a diferença. E recebi sempre muito mais do que dei.

Naturalmente, foi um período muito difícil e muito exigente para a minha família que durante 2 anos basicamente não me viu. Entre aquilo que eram as nossas obrigações mediáticas, parlamentares, o voluntariado, e o trabalho que desenvolvemos na Organização Não Governamental, a UNITE - uma rede de parlamentares de saúde Global da qual sou

Presidente e Fundador e que teve uma atividade importantíssima durante essa fase, havia pouco tempo.

Tudo isto foi muito importante, mas eu senti-me altamente enriquecido porque senti que estava a contribuir, que estava a dar voz a quem não a tinha - fossem os doentes ou os meus colegas profissionais de saúde - o que reforçou ainda mais a minha admiração pelo trabalho diário destes colegas.

Mais tarde, de facto, com a invasão sem justificação das forças Russas no território Ucrainiano, senti-me na obrigação de fazer algo. Sendo a UNITE uma ONG que é uma rede global de parlamentares para a área da saúde global, sabíamos que não poderíamos ficar indiferentes, sobretudo pelo impacto que os conflitos armados têm na saúde da população.

Quando pensamos na guerra, pensamos na frente da guerra: nos tiros, nas armas, nos soldados mutilados, mas esquecemo-nos que num país em conflito como é o caso da Ucrânia e de cerca de outros 60 países onde ocorrerem conflitos armados neste momento por todo o mundo, não deixam de haver pessoas com hipertensão arterial, com enfartes, com pneumonias, com diabetes, com infeções... Cada país em guerra tem um sistema de saúde que está a sofrer com ele. As pessoas continuam a viver as suas vidas, continuam a ficar doentes e por este motivo ofereci-me como voluntário junto da embaixada da Ucrânia e da Associação de Ucrainianos a viver em Portugal.

D.

Aquando deste contacto, disseram-me que no hospital regional de Lviv estavam sobrecarregados, porque uma grande parte da população fugindo da frente da guerra tinha ido para esta cidade que viu a sua população duplicada para cerca de 2 milhões de habitantes. Um aumento súbito da população conduziu evidentemente a uma enorme pressão para o sistema de saúde regional.

Nunca me esquecerei do primeiro local onde me colocaram a trabalhar. Apesar de não ter formação de base nessa área, fui alocado aos cuidados intensivos neonatais, porque era onde precisavam mais de ajuda, uma vez que o número de mulheres grávidas sem acompanhamento de gravidez aumentou brutalmente. Mulheres que tiveram de fugir da guerra deixando os maridos para trás, sozinhas e com bebés prematuros. A unidade de cuidados intensivos estava constantemente saturada de pessoas, completamente preenchida com doentes e bebés recém-nascidos.

Cada vez que havia uma ameaça de bombardeamento os alarmes soavam e não havia tempo para transportar as incubadoras para a cave do hospital como se fazia com os outros doentes. Por este motivo, e para fugir às bombas, os cuidados intensivos neonatais desde o início da guerra que estão localizados em *bunkers* subterrâneos, sem acesso a luz natural. Nunca esquecerei as pessoas que lá conheci e que desde há 3 anos para cá trabalham nestas condições, mantendo uma absoluta dedicação aos doentes e sempre com espírito positivo. Também os jovens profissionais de saúde ficaram na minha memória. Diziam-me frequentemente que não iam fugir do seu país porque queriam servir a Ucrânia. Sentiam que continuar a prestar os cuidados de saúde à população era a forma de fazerem a sua parte em resposta à invasão russa.

Fui uma gota de água num oceano de necessidades, mas na altura utilizei o meu palco mediático para fazer uma campanha de angariação de fundos que ajudou o hospital a fazer algumas obras necessárias. Conseguiram instalar 3 novos geradores uma vez que as falhas de energia eram um dos graves problemas do hospital - enfim, foi a nossa forma de contribuir e que agora, aparentemente, não vão em melhor caminho. Para mim pessoalmente, que nunca tinha trabalhado num contexto de conflito, foi uma aprendizagem enorme, acima de tudo sobre a resiliência humana e a capacidade de não perder a esperança mesmo perante as maiores adversidades. São essas causas que merecem que nós trabalhemos todos os dias por um mundo melhor.

“Para mim pessoalmente, que nunca tinha trabalhado num contexto de conflito, foi uma aprendizagem enorme, acima de tudo sobre a resiliência humana e a capacidade de não perder a esperança mesmo perante as maiores adversidades.”

D.

Que desafio ou assunto em infecção e saúde pública lhe interessa mais de momento?

A pergunta é difícil. Sou muito apaixonado por vários temas. Naturalmente que há um tema que desde o início do meu trabalho me interessou muito, inicialmente como profissional de saúde, e mais na UNITE que é o VIH e a SIDA, e que têm sido um tema central de todo o meu trabalho.

Ainda recentemente participei numa reunião organizada no Vaticano pela Academia de Ciências do Pontificado do Vaticano, onde os dados associados a esta infeção continuam a ser demolidores. Se olharmos só para as infeções de VIH pediátricas do ano passado, verificamos que anualmente, 40.000 crianças continuam a serem infetadas com VIH. Diariamente, morrem mais de 200 crianças por VIH em África. Há ainda muito trabalho para fazer nesse campo. Naturalmente evoluímos muito, embora as mais recentes decisões da administração norte-americana relacionadas com o corte de financiamento para o combate à infeção por VIH, estejam a ter efeitos devastadores.

De uma perspetiva mais positiva, e também já ligando ao meu trabalho mais recente como CEO da HealthAI – A Agência Global para a Inteligência Artificial responsável na Saúde –, vemos as potencialidades da inteligência artificial nesta área e percebe-se como pode ajudar a ultrapassar muitas barreiras e dificuldades. Dá-me imensa esperança de que vamos conseguir resolver muitos dos problemas que a saúde enfrenta, através de uma profunda mudança dos modelos de gestão da saúde, que terão de ser movidos pelas tecnologias.

“(…) vemos as potencialidades da inteligência artificial nesta área e percebe-se como pode ajudar a ultrapassar muitas barreiras e dificuldades. Dá-me imensa esperança de que vamos conseguir resolver muitos dos problemas que a saúde enfrenta”

Como é que começou a Health AI o que é que o motivou a fazer parte?

A HealthAI foi fundada em 2019, mais focada na altura na investigação na área de saúde digital e da inteligência artificial na saúde, tendo o primeiro CEO sido o Amandeep Singh Gill que é hoje um Enviado das Nações Unidas para as Tecnologias. Em finais de 2022 fui contactado por uma empresa de recrutamento Internacional que me questionou sobre a minha disponibilidade para considerar candidatar-me a um lugar de CEO. Portanto passei por um processo de recrutamento Internacional e acabei por ser escolhido, tendo iniciado estas funções em maio de 2023.

D.

No fundo, a razão pela qual eu aceitei o desafio de me candidatar formalmente ao lugar tem a ver com vários fatores. Primeiro, porque ao longo dos últimos 20 anos, tenho trabalhado nesta intersecção entre políticas de saúde, saúde global e tecnologias, tanto do ponto de vista profissional, como do ponto de vista académico. O meu pai é da áreas das ciências informáticas e, portanto, já aos 6 anos de idade eu me entretia a aprender programação. Portanto, foram sempre áreas que me apaixonaram profundamente e que me fizeram acreditar no poder da tecnologia e saber que, se for bem usada, pode ajudar a resolver muitos problemas do mundo, desde que os cidadãos saibam para onde querem ir e que vejam a tecnologia como um instrumento para a transformação.

Fica assim evidente que esta oportunidade profissional permitia-me trabalhar na intersecção entre várias paixões minhas. Para além disso eu tenho defendido no espaço público e político que os sistemas de saúde na realidade são sistemas de doença, limitam-se a reagir à doença em vez de focarem na prevenção, na promoção da saúde e do bem-estar e na qualidade de vida. Para nós mudarmos e transformarmos os sistemas de saúde temos de gerir enormes quantidades de informação e de dados, e transformá-los em políticas públicas, de modo a criar incentivos que possam de facto provocar uma melhoria dos indicadores de saúde da população.

“Fica assim evidente que esta oportunidade profissional permitia-me trabalhar na intersecção entre várias paixões minhas.”

Esta mais recente onda de desenvolvimento da inteligência artificial apresenta-se como uma oportunidade precisamente para finalmente

podermos provocar essa tão necessária transformação dos sistemas de saúde. Perante esta oportunidade histórica para se colocar a inteligência artificial ao serviço da comunidade, considerei que este era o momento de aplicar todo o meu conhecimento e visão para a saúde, especialmente num contexto em que conseguimos ter acesso a uma tecnologia verdadeiramente transformadora, e alavancar uma transformação sistémica. Motivou-me ainda mais o facto de se tratar de uma agência de cariz global, sem fins lucrativos, que pode intervir desde o Brasil até Singapura, desde a Suíça até à Zâmbia. Considerei que era uma oportunidade única e importante, pelo que decidi avançar.

A última razão porque decidi mudar-me para Genebra prende-se com o facto de pessoalmente considerar que os políticos não devem ter funções ativas na política durante toda a sua vida. Considero útil e saudável que se seja um político ativo, que possa temporária ou periodicamente sair das funções ativas e continuar a trabalhar na sociedade civil, seja nas empresas, seja em ONGs, seja a fazer outras coisas, para evitar o ‘vício’ da vida política, que eu acho que muitas vezes é prejudicial à própria democracia. Portanto depois de cerca de 12 anos quase ininterruptos de vida política ativa, tanto no Parlamento, como nas Autarquias, entendi que era o momento de profissionalmente contribuir para a sociedade, de crescer pessoalmente, o que creio que me torna também um profissional mais capaz de responder aos desafios que tenho pela frente.

“Considero útil e saudável que se seja um político ativo, que possa temporária ou periodicamente sair das funções ativas e continuar a trabalhar na sociedade civil, seja nas empresas, seja em ONGs, seja a fazer outras coisas (...)”

D.

Como é que foi ser nomeado como Obama líder da Fundação Obama?

Isso foi um desafio muito enriquecedor que, entretanto, surgiu, também por via de um processo de candidatura. Eu tenho como regra pessoal, há muitos anos, a cada 2/3 anos, tentar fazer algum tipo de formação pessoal, de crescimento pessoal - aquilo que na academia chamamos de *long life learning* - seja na área da gestão, financeira, ou na área da liderança e estava a chegar o momento em que senti que tinha que apostar nessa formação. Foi-me recomendado este programa de liderança da Fundação Obama que me pareceu muito interessante. Sublinhar que me identifico do ponto de vista do pensamento político, sobretudo com a filosofia da mudança por via da esperança, a qual é muito difundida por via da fundação e dos seus fundadores, a Michelle e o Barack Obama. Por isso achei que seria uma boa experiência e candidatei-me. Foi um longo processo de candidatura e, uma vez que nenhum português fazia parte da rede, eu desconhecia a probabilidade de ser aceite.

“(...) a cada 2/3 anos, tentar fazer algum tipo de formação pessoal, de crescimento pessoal - aquilo que na academia chamamos de long life learning - seja na área da gestão, financeira, ou na área da liderança (...)”

Acabei por ser aceite e tem sido uma experiência extraordinária de aprendizagem, de crescimento pessoal e também de networking, porque faço parte agora de uma rede de várias centenas de líderes de todo o mundo, não só desta edição - que conta com 32 líderes europeus - mas também de edições passadas às quais nós temos acesso, assim como temos acesso a muitos daqueles que trabalharam na administração norte-americana no tempo do Obama. Ainda recentemente tive a oportunidade de reunir com os meus colegas ‘líderes e’ com o próprio Presidente Obama. Nesse sentido tem sido uma experiência de aprendizagem, de crescimento e de networking que me tem ajudado muito, sobretudo considerando o mundo complexo em que vivemos neste momento.

Há alguma coisa que se poderia fazer para estarmos mais bem preparados para uma futura pandemia?

O mundo viveu a pandemia a COVID-19 durante aproximadamente 2 anos. Antes disso era consensual que o mundo não estava devidamente preparado para identificar ameaças com potencial pandémico e de as conter. O SARS-CoV-2 acabou por se disseminar e sofrer múltiplas mutações na comunidade. Falamos de um vírus para o qual o ser humano não tinha defesas e, portanto, o nosso sistema imunitário não estava preparado. Parecia que o mundo tinha percebido que tínhamos de ser melhores no futuro. Havia um sentimento de que não podíamos voltar a permitir que isto acontecesse.

D.

Foram iniciadas negociações para um acordo pandémico precisamente para que, à escala global existam instrumentos que garantissem que estaríamos mais bem preparados no futuro. Não apenas para responder a potenciais pandemias, mas mais importante para prevenir e detetar ameaças e as conter o mais rapidamente possível. No entanto, rapidamente as pessoas deixaram de querer falar da pandemia, sobretudo no mundo da política. É curioso porque no Relatório de Riscos Globais do Fórum Económico Mundial, que é feito com base num inquérito aplicado a empresários, políticos e académicos de todo o mundo, as pandemias que eram a principal preocupação no ano de 2021, e nos anos seguintes (de 2022 e 2023) caem abruptamente, e hoje já nem sequer constam das listas de maiores preocupações. Estes resultados demonstram bem como o ser humano rapidamente quer esquecer o que aconteceu de mal e é precisamente quando já não estamos em contexto pandémico que devíamos estar a implementar as políticas para evitar a próxima pandemia que, inevitavelmente, vai surgir. Muito possivelmente esta próxima pandemia surgirá sob a forma das resistências aos antimicrobianos, os quais infelizmente têm prejudicado recentemente o estado de saúde do Santo Padre Papa Francisco.

“Estes resultados demonstram bem como o ser humano rapidamente quer esquecer o que aconteceu de mal e é precisamente quando já não estamos em contexto pandémico que devíamos estar a implementar as políticas para evitar a próxima pandemia que, inevitavelmente, vai surgir.”

Não estarmos a fazer tudo ao nosso alcance para proteger o mundo e isso é de uma irracionalidade brutal. Aquilo que seria necessário investir para prevenir a próxima pandemia seria uma gota perante a imensidão de benefícios face aos custos económicos e sociais, para além das vidas que se poderiam salvar. Num mundo cada vez mais global, com as alterações climáticas e o aumento da temperatura média do planeta, os riscos de ameaças pandémicas são reais e não fazermos tudo ao nosso alcance para as prevenir é um ato de enorme insensatez.

Infelizmente não há condições políticas reunidas para um acordo global sobre esta matéria. Eu tenho sido um forte defensor de que os países que concordam não devem ficar à espera da unanimidade e que deveriam juntar-se e criar um consórcio, que em inglês se chama coalition of the willing, ou que integra países que estejam dispostos a fazer a sua parte. Com tempo, mais países se juntariam certamente. Um acordo pandémico poderá ser aprovado na próxima assembleia mundial de saúde em maio 2025, mesmo que sem o apoio dos Estados Unidos.

Ficarmos de braços cruzados à espera da próxima pandemia é algo que num mundo com tantos recursos, com tanta tecnologia, com tanto conhecimento, me faz confusão. Neste momento creio que estamos a fazer muito pouco para melhorar a nossa resposta a futuros potenciais riscos. Esperemos que a aprovação do acordo pandémico possa ser um passo na direção certa.

D.

Para alguém que queira fazer a diferença que conselho é que dá?

Todos podemos fazer a nossa parte. O mais importante é ‘termos o coração no sítio certo’ e termos os nossos valores alinhados com os valores do humanismo, da compaixão, da empatia e percebermos que a maior doença do século 21 é a doença da indiferença. Muitas pessoas vivem na sua bolha, num individualismo brutal, de tal forma que se esquecem que estão rodeados de outros seres humanos, começando dentro da sua própria família, que exigem carinho, empatia e compaixão. Por isso, nós podemos fazer a diferença começando pela nossa própria casa, começando pela nossa própria família, no nosso bairro, na nossa comunidade e se quisermos ter um impacto ainda maior há muitas formas de o fazer. Eu fi-lo pela via associativa e por via das organizações não-governamentais, também pela via da política, mas existem muitas mais. Nós também podemos fazer a diferença no mundo através do nosso emprego, por exemplo criando uma empresa com uma ação orientada pelos valores mencionados, ou até como trabalhador à conta de outrém.

O importante é que tudo o que façamos esteja alinhado com princípios básicos do humanismo que tantas vezes faltam. É importante sentir que temos uma responsabilidade coletiva para connosco e para com as futuras gerações. Não há uma fórmula única para fazermos a diferença, mas façamos o que fizermos na vida que o façamos para bem dos outros. Aquilo que tem sido a minha experiência é que tudo o que nós damos, recebemos em dobro. Portanto, nunca ficar à espera de fazer algo de forma transacionada, apenas à espera de receber alguma coisa em troca, mas acreditando que nós somos parte de algo maior e que, por isso, devemos fazer a nossa parte.

“O importante é que tudo o que façamos esteja alinhado com princípios básicos do humanismo que tantas vezes faltam. É importante sentir que temos uma responsabilidade coletiva para connosco e para com as futuras gerações.”

O que sente que tem aprendido mais com as suas escolhas ultimamente?

Eu diria que é fundamental sermos honestos connosco próprios. Saber ouvir-nos a nós próprios, ouvir o nosso corpo, a nossa mente, o nosso coração, estarmos alinhados connosco e estarmos em paz, porque só estando bem é que conseguimos servir verdadeiramente os outros. Neste mundo de azáfama, de pressa e rapidez, muitas vezes esquecemo-nos de cuidar de nós próprios. Eu diria que alguns erros passados que fiz foi não ter ouvido o meu corpo como devia e ter priorizado coisas erradas, deixando pessoas que me são queridas para segundo plano. Hoje procuro ser muito mais sensível a quem mais importa no meu contexto, precisamente pelas lições que a vida me proporcionou. Aquilo que é importante é perceber quem são as pessoas verdadeiramente importantes para nós. Os verdadeiros amigos não são muitos, mas são verdadeiros. Saber valorizar esse núcleo de família e de amigos é uma receita para o nosso bem-estar. Se tudo isso estiver sólido, então conseguimos dar o nosso melhor em todas as vertentes da nossa vida.

“(…) é fundamental sermos honestos connosco próprios. Saber ouvir-nos a nós próprios, ouvir o nosso corpo, a nossa mente, o nosso coração, estarmos alinhados connosco e estarmos em paz, porque só estando bem é que conseguimos servir verdadeiramente os outros.”

D.

O que é que o entusiasma mais atualmente no seu trabalho?

Entusiasma-me o facto de estar a gerir equipas extraordinárias que têm uma enorme capacidade de adaptação perante um mundo em mudança. Mais, é verdadeiramente motivador estar na crista da onda particularmente no campo das tecnologias e da inteligência artificial. Como disse anteriormente, é para mim claro que as tecnologias são um instrumento para a mudança, mas temos que saber para onde queremos ir. Ter a oportunidade de estar em várias posições que me ajudam e que me permitem sonhar o que é que esse futuro pode ser, e tentar alavancar as tecnologias para ajudar a humanidade é uma oportunidade única e extraordinária. Felizmente, por via da HealthAI, da UNITE e da Academia, tenho oportunidade de fazer a diferença, de provocar um impacto positivo no mundo. É uma situação de privilégio e por isso tento devolver o mais que posso ao mundo que tanto me tem dado.

“(...) gerir equipas extraordinárias que têm uma enorme capacidade de adaptação perante um mundo em mudança. Mais, é verdadeiramente motivador estar na crista da onda particularmente no campo das tecnologias e da inteligência artificial.”



D.



MODESTO CONTRIBUTO PARA UMA INSPIRAÇÃO...

Fui convidado para escrever um artigo para o jornal dos alunos da minha casa, a Universidade Católica, o que muito me honra. Como me licenciiei na faculdade de direito, não sei escrever se não sobre direito e por isso me penitencio.

Para não tornar muito fastidioso o conteúdo do artigo, escrevo sobre um “ramo” do direito com o qual mais me identifico e que poderá servir de inspiração a alguns alunos, certamente poucos, na escolha do seu percurso profissional, o direito das empresas.

D.

O direito das empresas, tendo esta por objecto. Na prática, pretendo abordar genericamente o mercado de controlo das empresas, ou, como é normalmente apelidado pomposamente, o mercado de fusões e aquisições (M&A).

Este tema tem ligações íntimas com os subsistemas do direito comercial, direitos mobiliário e financeiro, direito das sociedades comerciais e prende-se, na falta de regulamentação específica, com os princípios gerais de direito¹⁸.

A empresa pode ser adquirida como objecto de negócios (v.g. *trespasse* ou “transfer of all assets”), ou podemos adquirir a empresa através da aquisição de participações sociais de uma sociedade, de forma a obter o seu controlo. Numa linguagem puramente financeira, controla-se a empresa se se controla o seu cash flow.

Esta aquisição de participações sociais também pode ser efectuada por fusão¹⁹, a qual, por regra, visa uma maximização do valor da empresa resultante da fusão, obtendo os chamados ganhos de sinergia²⁰.

“Esta aquisição de participações sociais também pode ser efectuada por fusão²¹, a qual, por regra, visa uma maximização do valor da empresa resultante da fusão, obtendo os chamados ganhos de sinergia²².”

À face do nosso ordenamento jurídico não subsistem dúvidas de que, independentemente de se tratar de acções ou de estabelecimento, estamos sempre perante bens móveis, na acepção conjugada dos artigos 204º e 205º do Código Civil. Ora, pelo que a sua transmissão jurídica prende-se, assim, como uma actuação mobiliária por parte dos sujeitos da relação jurídica.

Tratando-se, as mais das vezes, de transacções de empresas mercantis (cfr. artigo 463º/§5 e 230º, ambos do Código Comercial), a compra e venda ou a fusão reconduzem-se a um instituto específico do direito comercial²³, no qual se inclui o direito financeiro, tendo sempre como pano de fundo o direito civil, como direito supletivo.

¹⁸ Princípios jurídicos novos surgem na nossa ordem jurídica pela dinâmica própria do mundo financeiro e empresaria, tais como as ofertas obrigatórias, a não interferência dos membros dos órgãos sociais no processo de decisão dos accionistas, a proibição do insider trading na pendência de uma batalha de takeover ou a regra da insindicabilidade das decisões de gestão dos negócios sociais.

¹⁹ Reunião de duas ou mais sociedade numa única sociedade.

²⁰ A definição de sinergia é dois mais dois igual a cinco e isso acontece frequente.

²¹ Reunião de duas ou mais sociedade numa única sociedade.

²² A definição de sinergia é dois mais dois igual a cinco e isso acontece frequente.

²³ Princípios como o da prevalência da vontade declarada, liberdade de forma, protecção da confiança e da segurança jurídica em detrimento da justiça material.

D.

Técnicas financeira altamente sofisticadas, regras de contabilidade e fiscais apropriadas e o referido ordenamento jurídico permitem imprimir ao mercado de controlo de empresas uma dinâmica que mais nenhum mercado de bens evidencia. Compras alavancadas (os chamados leveraged buy-outs)²⁴, compras pelos gestores das sociedade adquiridas (management buy-outs²⁵), fusões complexas e operações de transfer of all assets²⁶ ou stripping assets transactions²⁷ são alguns exemplos dessa tela de “impressionismo” jurídico.

Questões como o tratamento dos stakeholders (accionistas minoritários, credores, trabalhadores, Estado), o interesse social na sociedade comercial e os deveres dos gestores (cfr. artigo 64º do Código das Sociedades Comerciais), a proibição de assistência financeira (cfr. artigo 322º do c.s.com)²⁸ são questões complexas que o direito das fusões e aquisições trata e regula.

Os alunos que pretendam seguir esta carreira de advogados de empresas, ou que pretendam ingressar no mundo financeiro do mercado de controlo de empresas, devem ter em conta a universalidade de direitos e obrigações que uma empresa representa, o ecossistema em que uma empresa opera, os vários sujeitos com que a empresa interage, seja como sujeito de relações jurídicas, seja como objecto das mesmas.

“Os alunos que pretendam seguir esta carreira de advogados de empresas, ou que pretendam ingressar no mundo financeiro do mercado de controlo de empresas, devem ter em conta a universalidade de direitos e obrigações que uma empresa representa, o ecossistema em que uma empresa opera, os vários sujeitos com que a empresa interage, seja como sujeito de relações jurídicas, seja como objecto das mesmas.”

Esta é a minha modesta contribuição para uma escolha consciente e discernida sobre o futuro profissional dos futuros juristas formados na faculdade de direito da Universidade Católica Portuguesa. Espero que ajude...

Diogo Horta Osório
Advogado

²⁴ Aquisição de sociedades comerciais, mediante uma pequena porção de capital próprio e dívida relevante, com a finalidade de que o da compra seja reembolsado pelo património e cash flow da sociedade adquirida.

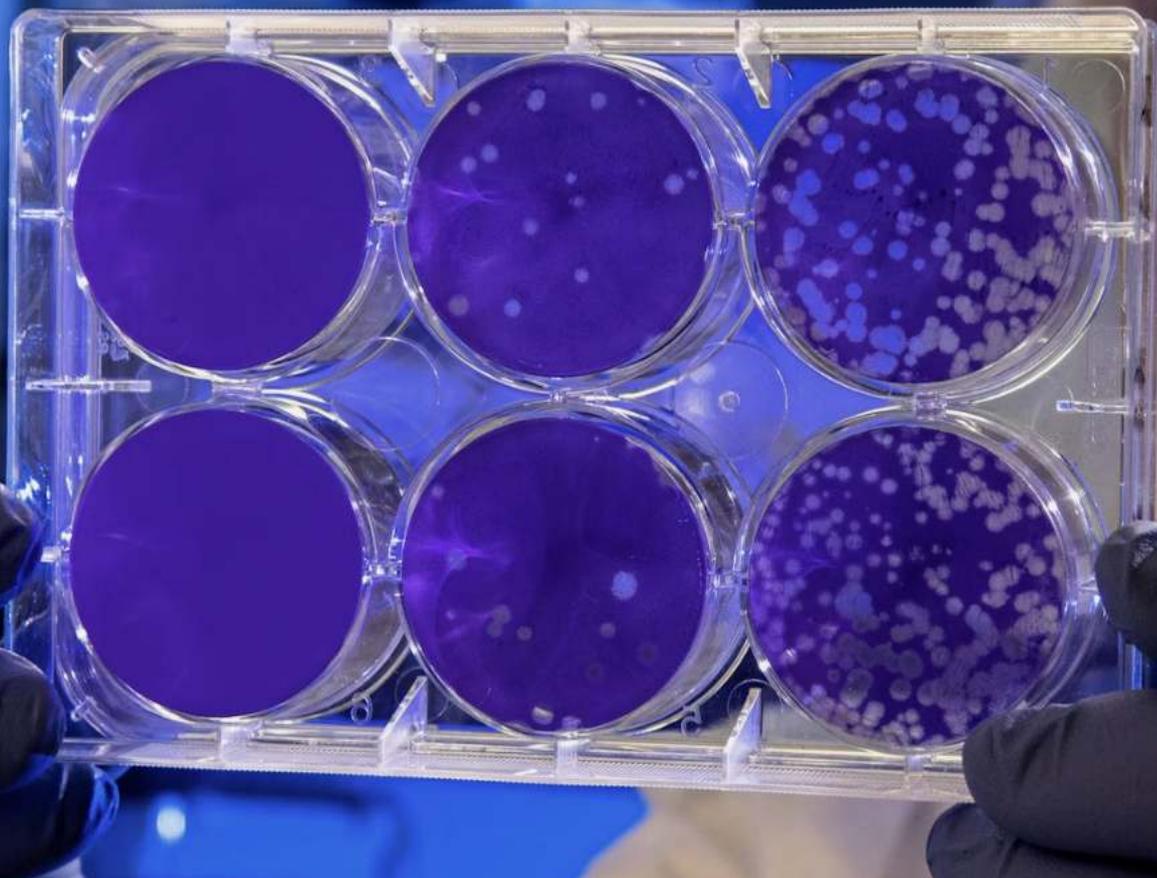
²⁵ Compra da empresa pelos seus gestores, que envolve questões jurídicas complexas relacionados com os deveres fiduciários dos gestores.

²⁶ Trespasses ou compra e venda de estabelecimentos comerciais.

²⁷ Operações de aquisição de activos relevantes em empresas insolventes ou na iminência da insolvência, na medida em que a soma das partes vale mais do que o todo.

²⁸ «Uma sociedade não pode conceder empréstimos ou por qualquer forma fornecer fundos ou prestar garantias para que um terceiro subscreva ou por outro meio adquira acções representativas do seu capital.»

D.



BACTERIAS – VILÃS OU ALIADAS?

Aliadas essenciais para o funcionamento saudável do organismo, quando vilãs podem ser mortíferas. Precisamos muito delas, sobretudo nos momentos em que parecemos mais frágeis, como no nascimento e nos primeiros anos de vida. Quem é este exercito paradoxal?

A introdução dos antibióticos na prática clínica representou uma das maiores revoluções da medicina, ao longo do século XX. Doenças como tuberculose e pneumonia deixaram de ser as principais causas de morte. A descoberta da penicilina por Alexander Fleming em 1928, a sua produção em larga escala na década de 1940 e o aparecimento de outras classes de antibióticos a partir desse período, reduziram drasticamente a mortalidade, transformou o curso de diversas patologias e possibilitou tratamentos como transplantes, quimioterapia e cirurgias mais invasivas. A expectativa de vida pós-antibióticos aumentou cerca de 50% em comparação com a era pré-antibiótica, ultrapassando os 70 anos em muitos países desenvolvidos.

D.

“A expectativa de vida pós-antibióticos aumentou cerca de 50% em comparação com a era pré-antibiótica, ultrapassando os 70 anos em muitos países desenvolvidos.”

No entanto, sabemos hoje que as bactérias não são apenas inimigas, mas também importantes aliadas. Como células procariontes, as bactérias constituem a maioria das células do corpo humano, superando em número as células humanas. Ao longo de milhares de anos de simbiose, assumiram funções estruturais e desempenham papéis essenciais no organismo.

A teoria endossimbiótica sugere até, que as bactérias foram fundamentais para a evolução das células eucarióticas e da vida complexa. Segundo esta, as mitocôndrias eram originalmente bactérias englobadas por uma célula ancestral há cerca de 1,5 bilhão de anos, estabelecendo uma relação simbiótica e tornando-se organelos essenciais na produção de energia.

A microbiota, conjunto de bactérias benéficas, tem grande preponderância no intestino, mas também está presente em outras áreas do corpo, como mucosas dos órgãos genitais, vias respiratórias, boca, olhos e ouvidos. Estabelecendo importantes conexões, como os eixos intestino-cérebro (gut-brain axis) e intestino-pulmão (gut-lung axis), a microbiota

participa da digestão, do sistema imunitário, da produção de neurotransmissores e da regulação do metabolismo. O seu desequilíbrio tem sido associado a doenças como diabetes, autismo, depressão, asma e alergias, entre muitas outras.

“A microbiota, conjunto de bactérias benéficas, tem grande preponderância no intestino, mas também está presente em outras áreas do corpo, como mucosas dos órgãos genitais, vias respiratórias, boca, olhos e ouvidos.”

À medida que como sociedade aprimorámos a nossa capacidade de higienização e desinfecção, eliminámos não apenas bactérias patogénicas, mas também aquelas essenciais ao organismo. A redução da exposição bacteriana tem sido apontada como um dos fatores para o aumento de distúrbios imunológicos, incluindo respostas exacerbadas (alergias) e disfuncionais (doenças autoimunes). Inúmeros estudos têm revelado que a microbiota intestinal está intimamente relacionada com o desenvolvimento de doenças alérgicas tais como asma, ou dermatite atópica.

“A redução da exposição bacteriana tem sido apontada como um dos fatores para o aumento de distúrbios imunológicos, incluindo respostas exacerbadas (alergias) e disfuncionais (doenças autoimunes).”

D.

A disbiose – desequilíbrio da microbiota – pode ocorrer devido ao uso frequente de antibióticos ou à adoção da chamada dieta ocidental, em oposição à mediterrânea. Esse desequilíbrio compromete a imunidade, aumentando a permeabilidade intestinal e favorecendo reações alérgicas. A disbiose também se tem revelado responsável por comprometer as células T-reguladoras, que nos permitem distinguir o que é “externo” do que é “interno”, contribuindo para o desenvolvimento de doenças autoimunes.

“A disbiose – desequilíbrio da microbiota – pode ocorrer devido ao uso frequente de antibióticos ou à adoção da chamada dieta ocidental, em oposição à mediterrânea.”

As perspetivas terapêuticas e preventivas são muitas: alternar/complementar o uso de antibióticos, quando necessários, com a toma de bactérias benéficas (probióticos); apostar numa alimentação rica em prebióticos e fibras (porque não basta estabelecer as bactérias e evitar eliminá-las desnecessariamente, é preciso também alimentá-las); e até recorrer a transplantes fecais para reposição total da microbiota, com resultados interessantes em casos extremos como infeção por *Clostridium difficile* ou doença inflamatória intestinal.

No entanto, a microbiota é relativamente estável na idade adulta, pelo que é até à infância que surgem as grandes oportunidades de criar uma microbiota variada e equilibrada. A hipótese da higiene sugere que a baixa exposição a microrganismos no início da vida compromete o estabelecimento de uma microbiota diversa e pode prejudicar a maturação imunológica. Estudos demonstram que fatores como parto vaginal, amamentação e exposição ambiental (contato com animais, solo e outras crianças) são decisivos para a microbiota que levaremos para a idade adulta.

Ainda há muito a compreender sobretudo sobre quais as bactérias vilãs e quais as aliadas, e quais as circunstâncias em que bactérias se podem se tornar prejudiciais ou benéficas.

O que parece cada vez mais claro é o enorme potencial de garantir um microbioma saudável desde a gestação, através da microbiota materna, e nos primeiros anos de vida, não só na prevenção de doenças alérgicas e autoimunes, mas na promoção de saúde. Afinal, uma vez formado o “exército” de bactérias benéficas, é mais difícil alterá-lo. O desafio atual é como promover esta mudança, mantendo as doenças infecciosas longe das principais causas de morte.

“O que parece cada vez mais claro é o enorme potencial de garantir um microbioma saudável desde a gestação, através da microbiota materna, e nos primeiros anos de vida, não só na prevenção de doenças alérgicas e autoimunes, mas na promoção de saúde.”

Teresa Nazareth

Coordenadora de Digestão e Defesa II
na Faculdade de Medicina da Universidade Católica Portuguesa

D.

SAÚDE ORAL NA TERCEIRA IDADE

POR SARA NUNES LOPES



Diurna.

© Jornal Nacional dos Estudantes da Universidade Católica Portuguesa.
Porto | Lisboa | Braga | Viseu

D.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) prevê que, até 2050, os indivíduos com 60 ou mais anos representem 21,3% da população mundial. Envelhecer com saúde é o desejo de todos, mas, muitas vezes, a saúde oral é negligenciada, apesar do seu impacto direto na qualidade de vida. Para a população geriátrica, a atenção à saúde dos dentes e da boca vai muito além da estética: trata-se de garantir uma nutrição adequada, evitar doenças sistêmicas e preservar o bem-estar emocional. Assim, segundo a OMS, a saúde oral inclui a condição da boca, dos dentes e das estruturas buco-faciais, que facilitam funções essenciais como comer, respirar e falar.

“Envelhecer com saúde é o desejo de todos, mas, muitas vezes, a saúde oral é negligenciada, apesar do seu impacto direto na qualidade de vida.”

O papel do médico dentista vai muito além do tratamento curativo: no atendimento ao paciente geriátrico é fundamental desenvolver uma abordagem empática, compreensiva e adaptada às necessidades individuais de cada idoso, sendo a comunicação um pilar essencial para o sucesso do tratamento. Desta forma, a utilização de linguagem clara, acessível e respeitosa contribui para um ambiente de confiança e segurança, permitindo que o paciente compreenda as orientações e se sinta à vontade para expressar as suas dúvidas e receios. Para além disso, é importante considerar possíveis limitações físicas ou cognitivas, adaptando a consulta para que seja confortável e eficaz.

O papel do cuidador é, muitas vezes, fundamental para a preservação da saúde oral dos idosos, pois muitos dependem de terceiros para a realização das suas atividades diárias, incluindo a higiene oral. Os cuidadores devem ser orientados e capacitados para auxiliar na escovagem dos dentes, língua e na limpeza de próteses dentárias, assegurando uma rotina adequada e consistente.

Para o sucesso da higiene oral é essencial que seja realizada com cuidado e delicadeza, promovendo a colaboração do idoso, sem imposições. A escovagem deve ser realizada duas vezes por dia, sendo que, quando o idoso não é autónomo, deve o cuidador escovar os dentes com escovas de cerda macia e movimentos circulares. Em pacientes não colaborantes pode ser usada a técnica de escovagem a seco, que consiste na utilização da escova apenas usando a ação mecânica para fazer a remoção da placa bacteriana e depois passar com recurso, por exemplo, a um cotonete, uma pasta ou gel fluoretado. A higienização das mucosas é fundamental e, para tal, a utilização de uma compressa é o ideal. A língua também ser higienizada com um raspador de língua, pois como os idosos têm um fluxo salivar diminuído, existe uma maior acumulação de placa, resultando em mau hálito.

D.

Outro desafio são as próteses dentárias, pois muitos idosos dependem delas, sendo também importante que a sua higienização seja realizada. A remoção da prótese é obrigatória para higienizar os dentes, as mucosas e até a própria prótese. Durante a execução da higiene oral é fundamental que seja feita uma inspeção à cavidade oral, de modo a verificar se existem sinais de problemas de saúde oral, como dentes partidos, feridas, sangramento das gengivas, inchaço, mau hálito ou alterações na cor das mucosas e língua.

Além disso, é importante que estejam atentos a dificuldades na mastigação e a sinais de desconforto ou dor, como a recusa em comer ou alterações no humor, que podem indicar problemas orais. A sua participação ativa na manutenção da saúde oral contribui, significativamente, para a qualidade de vida e o bem-estar do idoso, promovendo um envelhecimento saudável e digno. Assim, o médico dentista deverá ser capaz de sensibilizar e orientar o cuidador no que diz respeito à vigilância da cavidade oral do idoso.

A saúde oral na geriatria é, portanto, um tema que exige uma abordagem multidisciplinar e uma sensibilização crescente por parte da sociedade. É necessário reforçar a importância de consultas regulares no médico dentista, mesmo na ausência de dor, pois a prevenção continua a ser o melhor tratamento. Para garantir qualidade de vida na terceira idade, é essencial que todos os profissionais de saúde, cuidadores e familiares unam esforços na promoção de uma saúde oral adequada, valorizando o respeito e a dignidade de cada idoso, pois envelhecer com um sorriso saudável não é um luxo: é um direito que tem impacto diretamente na qualidade de vida.

“A saúde oral na geriatria é, portanto, um tema que exige uma abordagem multidisciplinar e uma sensibilização crescente por parte da sociedade.”

Cuidar da saúde oral na terceira idade é cuidar da saúde como um todo.

Sara Nunes Lopes
Médica Dentista

D.



MAKE EUROPE GREAT AGAIN?

A invasão russa da Ucrânia em 2022 desencadeou uma mudança radical na política de defesa europeia. Após décadas de sub-investimento, comparativamente com as metas da NATO, os Estados-membros da UE aumentaram em 30% os seus gastos com defesa entre 2021 e 2023, segundo a Agência Europeia de Defesa. Em 2024, os gastos com defesa da UE totalizaram 1,9% do PIB comunitário. Prevê-se que, em 2025, a meta de 2% do PIB em gastos com defesa seja, coletivamente, alcançada pelos Estados-membros pela primeira vez.

D.

O grande impulsionador desta mudança de paradigma tem um nome (e não é Putin). Se é verdade que o reforço da indústria de defesa europeia já tinha sido identificado como uma necessidade estratégica para a competitividade, e segurança, da Europa, a tomada de ação – nomeadamente pela apresentação do Plano ReArmar a Europa – foi acelerada no rescaldo do encontro entre Donald J. Trump, JD Vance e Volodymyr Zelensky, na Casa Branca, no final do mês passado.

Sendo claro que o reforço do investimento em defesa pela UE é irreversível, a questão fundamental que importa colocar é a seguinte: quem beneficia realmente deste investimento massivo? Tudo irá depender de duas variáveis cruciais: a origem do financiamento, por um lado, e a origem do armamento, por outro.

Se a Europa aproveitar esta oportunidade para desenvolver a sua própria capacidade industrial, com um foco na inovação, poderá obter ganhos significativos em termos económicos, tecnológicos e estratégicos. Se, pelo contrário, optar pelo caminho mais fácil de importar armamento, os ganhos serão maioritariamente do seu principal fornecedor: os Estados Unidos da América.

O relatório Draghi para a competitividade da Europa, de setembro de 2024, identifica as duas principais debilidades da indústria de defesa europeia: o reduzido investimento e a falta de foco no desenvolvimento tecnológico, por um lado, e sua fragmentação, por outro lado. Se me for permitido sugerir uma terceira, que afeta não só a indústria de defesa, mas o avanço tecnológico e a competitividade da Europa em todas as suas frentes, esta seria a regulação excessiva.

“(…) principais debilidades da indústria de defesa europeia: o reduzido investimento e a falta de foco no desenvolvimento tecnológico, por um lado, e sua fragmentação, por outro lado.”

D.

No âmbito do Plano ReArmar a Europa, a Comissão Europeia propõe-se a mobilizar até 800 mil milhões de euros para reforçar a indústria de defesa europeia. O plano inclui ainda medidas de flexibilização orçamental para que os Estados-membros possam aumentar os seus gastos com defesa sem o risco de ativação do Procedimento dos Défices Excessivos, no âmbito do Pacto de Estabilidade e Crescimento, e a concessão de empréstimos no valor de 150 mil milhões de euros para o investimento em defesa dos Estados-membros.

A Europa não parte do zero. A sua indústria de defesa emprega diretamente mais de 500 mil pessoas (581 mil em 2023) e gera um volume de negócios anual superior a 150 mil milhões de euros, segundo dados da ASD (Aerospace, Security and Defence Industries Association of Europe) divulgados pelo Conselho Europeu.

Um investimento robusto na indústria de defesa que beneficie dos avanços tecnológicos, como a inteligência artificial, a robótica avançada e a cibersegurança, poderá relançar a Europa enquanto potência no panorama global desde que supere as suas divisões internas, aposte no investimento tecnológico e na desregulação.

“Um investimento robusto na indústria de defesa que beneficie dos avanços tecnológicos, como a inteligência artificial, a robótica avançada e a cibersegurança, poderá relançar a Europa enquanto potência no panorama global (...)”

A Europa está, portanto, perante uma escolha estratégica fundamental: continuar a ser um bom cliente da indústria de defesa norte-americana ou tornar-se um ator autónomo com capacidade industrial inovadora própria. A conclusão é clara. A Europa tem uma oportunidade histórica para redefinir o seu papel geopolítico e tecnológico. Se a aproveitar, o ganho será de todos os europeus em termos de segurança, emprego e competitividade industrial e tecnológica. Se não o fizer, o ganho será principalmente de quem a abandonou: os EUA.

Filipa Mota

Professora Auxiliar Convidada
Católica Porto Business School

D.



NEGOCIAÇÃO E MEDIAÇÃO: COMPETÊNCIAS ESSENCIAIS PARA O ADVOGADO MODERNO

Nos dias de hoje, o mundo jurídico está cada vez mais marcado por desafios complexos que exigem dos profissionais muito mais do que apenas um profundo conhecimento das leis. A habilidade de negociar e mediar conflitos tornou-se essencial para advogados que desejam destacar-se e atuar de maneira eficaz nos seus percursos profissionais. Contudo, observa-se que muitos cursos de Direito ainda não dão a devida importância a essas competências, deixando muitos futuros advogados despreparados para enfrentar situações que vão além dos tribunais.

D.

A importância da negociação e mediação pode ser exemplificada por situações em que a falta dessas habilidades resulta em interações desastrosas. Um exemplo notório é a recente reunião entre o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, que ocorreu na Casa Branca na semana passada. Durante o encontro, que era transmitido ao vivo, houve uma escalada de tensões, com trocas de acusações e interrupções mútuas, culminando em um término abrupto da reunião sem a assinatura de um acordo previamente planejado sobre recursos minerais. Este episódio destacou a ausência de um diálogo estruturado e produtivo, evidenciando a falta de habilidades de negociação e mediação eficazes por parte dos líderes envolvidos.

Por outro lado, um exemplo positivo de aplicação de competências de negociação e mediação pode ser observado nas recentes iniciativas lideradas pelo Reino Unido e pela França em colaboração com o presidente Zelensky. Após a tensa reunião em Washington, líderes europeus se reuniram em Londres e propuseram uma trégua de um mês entre a Ucrânia e a Rússia, abrangendo ataques aéreos, marítimos e a infraestruturas energéticas. Essa abordagem estratégica e colaborativa demonstra como a mediação eficaz pode abrir caminho para soluções pacíficas e construtivas em conflitos complexos.

Aos estudantes de Direito, é imprescindível compreender que a resolução de conflitos não ocorre apenas no tribunal, mas também em mesas de negociação, audiências de conciliação e nas interações diárias entre advogados, clientes e partes adversas. A forma como um profissional do Direito conduz uma discussão pode definir o sucesso ou o fracasso de um caso, seja no setor público ou privado.

“Aos estudantes de Direito, é imprescindível compreender que a resolução de conflitos não ocorre apenas no tribunal, mas também em mesas de negociação, audiências de conciliação e nas interações diárias entre advogados, clientes e partes adversas.”

D.

A solução para essa lacuna na formação académica é clara: as faculdades de Direito precisam incorporar disciplinas de negociação e mediação em seus currículos obrigatórios. A prática dessas habilidades através de simulações, estudos de caso e participação em programas de resolução alternativa de disputas será um fator diferenciador para os futuros advogados. O mercado jurídico moderno exige profissionais que saibam muito mais do que argumentar em juízo; exige advogados que saibam evitar conflitos desnecessários, criar pontes entre interesses divergentes e encontrar soluções inovadoras para problemas complexos.

“O mercado jurídico moderno exige profissionais que saibam muito mais do que argumentar em juízo; exige advogados que saibam evitar conflitos desnecessários, criar pontes entre interesses divergentes e encontrar soluções inovadoras para problemas complexos.”

Os advogados que dominam a negociação e a mediação serão profissionais altamente valorizados no mercado de trabalho. Empresas, escritórios de advogados e instituições governamentais estão cada vez mais em busca de especialistas capazes de resolver disputas sem recorrer ao litígio, o que reduz custos e tempo para todas as partes envolvidas. Além disso, à medida que as relações comerciais e políticas se tornam mais interconectadas globalmente, os advogados que possuem essas habilidades estarão melhor preparados para atuar em ambientes multiculturais e dinâmicos, aumentando significativamente suas oportunidades profissionais.

É fundamental reconhecer que a eficácia na negociação e mediação está intrinsecamente ligada a habilidades de comunicação bem desenvolvidas. Uma comunicação clara e eficaz é a espinha dorsal de uma negociação bem-sucedida, permitindo que as partes expressem seus interesses de maneira aberta e ouçam atentamente para compreender as preocupações e necessidades umas das outras.

“Uma comunicação clara e eficaz é a espinha dorsal de uma negociação bem-sucedida, permitindo que as partes expressem seus interesses de maneira aberta e ouçam atentamente para compreender as preocupações e necessidades umas das outras.”

D.

Para alcançar um bom resultado na mediação de conflitos, é essencial saber negociar, colocar-se no lugar do outro, escutar ativamente e utilizar a comunicação verbal e não verbal de maneira eficaz.

Portanto, é imperativo que os estudantes de Direito se dediquem ao aprimoramento contínuo de suas habilidades de comunicação, reconhecendo que ser um bom comunicador é um passo essencial para se tornar um advogado eficaz. A capacidade de articular argumentos de forma clara, ouvir ativamente e compreender as necessidades alheias não só facilita a resolução de conflitos, mas também contribui para a construção de relações profissionais sólidas, duradouras e bem-sucedidas.

“Portanto, é imperativo que os estudantes de Direito se dediquem ao aprimoramento contínuo de suas habilidades de comunicação, reconhecendo que ser um bom comunicador é um passo essencial para se tornar um advogado eficaz.”

Assim, os estudantes de Direito que se dedicarem a desenvolver habilidades de comunicação, negociação e mediação estarão mais preparados para os desafios do mundo profissional. Num mundo cada vez mais dinâmico e interconectado, saber comunicar-se, negociar e mediar é tão importante quanto conhecer a lei.

Thomas Gaultier

Professor de Negociação e Mediação de Conflitos

D.



NOÇ(GEST)ÃO PRECISA-SE!

Portugal, o país do fado, da saudade e... da falta de dentes. Não é exagero. Segundo o Barómetro da Saúde Oral de 2024, 65,7% dos portugueses têm falta de dentes e quase uma em cada quatro pessoas só vai ao médico dentista em situação de urgência. Sim, só quando a dor já é insuportável é que se lembram que também têm de cuidar dos seus dentes. E por quê? Falta de dinheiro. 30% das pessoas que nunca vão ou vão menos de uma vez por ano ao médico dentista justificam-se com a impossibilidade financeira.

“Portugal, o país do fado, da saudade e... da falta de dentes. Não é exagero. Segundo o Barómetro da Saúde Oral de 2024, 65,7% dos portugueses têm falta de dentes.”

D.

Ora, seria natural que o Estado se assumisse como o grande protagonista na resolução deste problema. Mas a medicina dentária pública em Portugal é um teatro do absurdo: afinal, 66% da população nem sabe que o SNS disponibiliza estes serviços. E talvez seja melhor nem saber, porque até os consultórios que existem estão fechados. Atualmente, 40 consultórios montados com fundos do PRR estão inoperacionais por falta de contratação de profissionais, o que equivale a mais de 200 consultas perdidas por mês em cada um deles.

“Atualmente, 40 consultórios montados com fundos do PRR estão inoperacionais por falta de contratação de profissionais, o que equivale a mais de 200 consultas perdidas por mês em cada um deles.”

Enquanto isso, o cheque dentista, uma tentativa de cooperação entre público e privado, vai tentando tapar buracos. Em 2023, foram emitidos 635 mil cheques, mas apenas 68% foram utilizados. Uma solução que não é bem solução, mas antes um penso rápido num corte profundo.

A verdadeira resposta? O serviço público e com ele uma carreira estruturada para os médicos dentistas. Mas até aqui a confusão é generalizada: há médicos dentistas como prestadores de serviços (vulgo recibos verdes), outros enquadrados como técnicos superiores, outros enquanto técnicos superiores de saúde e, na Madeira, onde já existe uma carreira específica, a história é diferente. Ou seja, a medicina dentária em Portugal é uma manta de retalhos, onde cada região avança ao seu ritmo e vontade.

“A verdadeira resposta? O serviço público e com ele uma carreira estruturada para os médicos dentistas.”

A petição que levou o tema a debate parlamentar reuniu mais de 8000 assinaturas e, como não podia deixar de ser, esbarrou no costume: jogos de poder. Cinco projetos de resolução foram aprovados, um projeto de lei foi chumbado, e agora o governo tem 120 dias para agir. Mas entre debates, aprovações e chumbos, os portugueses continuam sem saber quando vão ter acesso efetivo a um sistema de saúde oral digno.

D.

Entretanto, os jovens médicos dentistas vão fazendo as malas. Como se os problemas na procura não fossem suficientes, Portugal tem um excesso de oferta. Feitas as contas seria necessário encerrar as escolas médico-dentárias por mais de 3 décadas para que os rácios recomendados fossem restabelecidos. O resultado? 39,7% dos jovens dentistas emigram no primeiro ou segundo ano de carreira, levando consigo competência e conhecimento.

“O resultado? 39,7% dos jovens dentistas emigram no primeiro ou segundo ano de carreira, levando consigo competência e conhecimento.”

E quem fica? Ficam os arrependidos claro está. Por isso mesmo é que mais de metade (54,7%) dos jovens médicos dentistas não voltaria a escolher a medicina dentária como única atividade. Mas a culpa não é deles. É de um sistema que, ao longo dos anos, se tem revelado incapaz de garantir que a saúde oral não seja um privilégio, mas sim um direito universal. É caso para dizer: noç(gest)ão precisa-se!

Catarina Duarte

Médica Dentista com formação em Gestão e Economia da Saúde



**A ORDEM EXECUTIVA 14173 –
“ACABAR COM A DISCRIMINAÇÃO ILEGAL
E RESTAURAR A OPORTUNIDADE COM
BASE NO MÉRITO”**

A Ordem Executiva 14173 que visa impedir a discriminação ilegal e repor a oportunidade baseada no mérito foi assinada por Donald J. Trump, o 47.º Presidente dos Estados Unidos da América, a 21 de janeiro de 2025.

Este decreto determina que os departamentos federais não devem celebrar contratos com organizações privadas que adotem políticas de diversidade, equidade, inclusão e acessibilidade (DEIA²⁹). Ainda que esta diretiva não interfira nas práticas de contratação governamental a nível estadual ou em jurisdições locais. Além disso, a ordem proíbe expressamente a implementação de mecanismo de discriminação positiva (“affirmative action” em inglês) por parte dos contratantes do governo.

²⁹Sigla inglesa para “Diversity, Equity, Inclusion, and Accessibility”.

D.

O Gabinete de Programas de Conformidade de Contratos Federais, pertencente ao Departamento do Trabalho, recebeu instruções para interromper imediatamente (i) a promoção de políticas de diversidade; (ii) a imposição de medidas de ação afirmativa a contratantes e subcontratantes federais; e, (iii) qualquer incentivo ou autorização para que contratantes e subcontratantes federais modifiquem a composição da sua força de trabalho com base em critérios como raça, cor, género, orientação sexual, religião ou origem nacional.

De acordo com o que está estabelecido na Ordem Executiva 13279, de 12 de dezembro de 2002 – Igualdade na Aplicação das Leis para Organizações Comunitárias e Baseadas na Fé –, os contratantes e subcontratantes federais devem garantir que os seus processos de recrutamento, aquisição e contratação sejam conduzidos sem qualquer consideração de raça, cor, género, orientação sexual, religião ou origem nacional, evitando assim violações às leis de direitos civis do país.

Face o exposto há aqui uma clara tensão entre a igualdade cega e absoluta e a igualdade relativa que procura tratar o que é diferente de forma adaptada. Ora, os EUA são um Estado soberano democrático e constitucional e como tal, tem os seus princípios basilares fundados na Lei. E, sendo a Lei uma ferramenta da Justiça, enquanto virtude cardeal, e sendo a Justiça “cega”, porque deve fazer aplicar a Lei com justeza, isto é, atendendo às suas características de generalidade e abstração que, por sua vez, geram previsibilidade, a discriminação positiva (tal como a discriminação negativa), mesmo que possa fazer algum sentido, por razões sociais, é inconstitucional. Mas, será assim tão simples?

“Face o exposto há aqui uma clara tensão entre a igualdade cega e absoluta e a igualdade relativa que procura tratar o que é diferente de forma adaptada.”

D.

Diz a 14.ª Emenda à Constituição dos EUA que “nenhum Estado deverá (...) negar a qualquer pessoa sob a sua jurisdição a igual proteção das leis.” Todavia, a 14.ª Emenda foi promulgada pouco depois da Guerra Civil com o objetivo de combater a discriminação negativa e garantir o devido processo legal. Mas, a Cláusula de Igualdade de Proteção à 14.ª Emenda³⁰ exige que o Governo apresente uma justificação válida para qualquer lei ou ação oficial que trate de forma diferente pessoas ou grupos que se encontrem em situações semelhantes. Para certas classificações imutáveis e direitos fundamentais – como raça, religião, origem nacional e direito de voto – o governo deve apresentar uma justificação imperiosa, e a lei ou ação adotada deve ser estritamente ajustada a esse objetivo.

“(...) a Cláusula de Igualdade de Proteção à 14.ª Emenda³¹ exige que o Governo apresente uma justificação válida para qualquer lei ou ação oficial que trate de forma diferente pessoas ou grupos que se encontrem em situações semelhantes.”

Portanto, esta cláusula abre a porta a uma interpretação mais ampla da Constituição no sentido de permitir, de forma justificada, a discriminação positiva. Do meu ponto de vista, juridicamente e politicamente (especialmente para quem se posiciona à Direita) o mais seguro é efetivamente acabar com a discriminação positiva. Mais, mesmo filosoficamente há respaldo para isso, uma vez que, tal como teorizado por Friedrich Hayek em *The Confusion of Language in Political Thought*, a sociedade funciona melhor quando não é assoberbada com orientações “top-down” de forma centralizada (“ordem construída³²”) ou dito de outra maneira, quando na sociedade as mudanças são orgânicas e seguem uma lógica “bottom-up” (“ordem espontânea³³”), essas mesmas mudanças são muito mais facilmente e amplamente aceites.

³⁰Tradução livre do inglês de Equal Protection Clause of the Fourteenth Amendment.

³¹Tradução livre do inglês de Equal Protection Clause of the Fourteenth Amendment.

³²“Made Order” ou “Taxis” em inglês.

³³“Grown Order” ou “Cosmos” em inglês.

D.

“(…) Friedrich Hayek em *The Confusion of Language in Political Thought*, a sociedade funciona melhor quando não é assoberbada com orientações “top-down” de forma centralizada (“ordem construída³⁴”) ou dito de outra maneira, quando na sociedade as mudanças são orgânicas e seguem uma lógica “bottom-up” (“ordem espontânea³⁵”).”

Além disso, quando as liberdades negativas dos cidadãos, que se traduzem na ausência de interferência externa na sua esfera pessoal de ação e decisão, tal como formulado por Isaiah Berlin em *Two Concepts of Liberty*, são de certa forma hipotecadas em prol de um bem-comum e de um bem-maior, ou seja, quando as liberdades positivas se sobrepõem àquelas isso provoca uma reação da sociedade enquanto organismo vivo e dinâmico.

Assim sendo, o wokismo planificado e ancorado no poder político, mesmo que bem intencionado, é de legalidade duvidosa e acima de tudo é tóxico e prejudicial à sociedade em geral porque, por um lado, os beneficiados pela discriminação positiva são muitas vezes vistos como não merecedores e aqueles que são negativamente discriminados por causa da discriminação positiva sentem-se obviamente injustiçados. E isto cria um ambiente social tenso e desagradável.

Márcio Espirito Santo

Aluno de Doutoramento em
Ciência Política e Relações Internacionais

³⁴“Made Order” ou “Taxis” em inglês.

³⁵“Grown Order” ou “Cosmos” em inglês.



D.

**UM ENSAIO ECO-LÓGICO -
AS LÓGICAS DO ECO E DA
REVERBERAÇÃO:**

**UM MUSICOTERAPEUTA DEBRUÇA-SE
SOBRE A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA.**

POR MIGUEL SOARES

Diurna.

O Jornal Nacional dos Estudantes da Universidade Católica Portuguesa.
Porto | Lisboa | Braga | Viseu

D.

A palavra, nas suas origens, era um gesto sónico que envolvia e ampliava a expressividade do animal que desde cedo se imaginou humano. A linguagem surge desta expressividade sonora inscrita não só no organismo, como no mundo – um fenómeno de ressonância, a possibilidade singular de que o invisível, a interioridade das coisas, se torne inteligível.

“A palavra, nas suas origens, era um gesto sónico que envolvia e ampliava a expressividade do animal”

O início de vida de todo o ser humano antecede a linguagem. Nesta fase, a experiência subjetiva e organizadora é o equivalente pré-verbal do “si-mesmo” exprimível, objetivável e reflexivo, que surge através da aquisição da linguagem. Daniel Stern diz-nos que nos primeiros dois meses de vida: “...o bebé pode tanto sentir o processo de emergência de uma organização como o seu resultado, e é essa experiência da emergência de uma organização que chamo o sentido emergente de si”. Neste contexto, a mutualidade entre bebé e cuidador(a) conseguida através de uma sintonização afetivo-relacional, é o plano a partir de onde se começam a desenvolver as primeiras experiências estéticas – a internalização destes ritmos e qualidades de experiência primários é a fundação das primeiras formas e valores estéticos. A sensibilidade estética, provém assim de aspetos formais da relação primária que antecedem a linguagem e provavelmente a capacidade do bebé em elaborar a experiência de forma consciente. A experiência estética comporta dimensões relacionais arcaicas e pré-verbais que vão sendo aprimoradas ao longo da vida, formas processuais de conhecimento que organizam a perceção e reconfiguram a experiência emocional. Vamos então explorar a sensibilidade estética enquanto dimensão relacional, pedra de toque na musicoterapia onde se constitui como experiência epistemológica geradora de sentido e significação.

“(...) a mutualidade entre bebé e cuidador(a) conseguida através de uma sintonização afetivo-relacional, é o plano a partir de onde se começam a desenvolver as primeiras experiências estéticas – a internalização destes ritmos (...)”

D.

“Estética” vem do Grego Aisthesis, expressão arcaica intimamente relacionada com a experiência corpórea, remetendo para a ideia de “ser perceptivo através do sentir”. Aisthesis invoca um significado antigo – inspirar, sentir, perceber. Fica a ideia de um movimento de receptividade profunda perante o espírito daquilo que é percebido. Merleau-Ponty lembra-nos que “a estética é uma forma de conhecimento incorporado, é o processo através do qual nos abrimos ao mundo facilitando uma receptividade ampliada mais capaz de contactar a expressividade do horizonte fenomenológico”.

“(…) remetendo para a ideia de “ser perceptivo através do sentir” “

Enquanto processo perceptivo, Aisthesis refere-se não apenas à percepção sensível realizada pelos sentidos, mas a uma sensibilidade perceptiva mais vasta. Segundo José Gil, “o corpo inteiro percebe, hipersensível às variações de forças, às texturas, às intensidades, às vibrações e aos ritmos que operam ao seu redor”. A experiência estética como um processo de ressonância lembra-nos que a vivência corpórea nunca é literal, é sempre uma experiência subjetiva – a esfera afetiva do organismo sensível estende-se para além dos limites visíveis do corpo anatómico. A sensibilidade estética como capacidade de apreender de forma sensível a dimensão tangível do mundo, mesmo que ela surja na forma de imagens psíquicas, atmosferas emocionais ou tonalidades afetivas mais difusas – a vivência corpórea dessas formas mais subtis concede-lhes uma tangibilidade efetiva.

Estas ressonâncias afetivas, que se situam muitas vezes aquém do limiar de significação discursiva, dependem de um contato pré-reflexivo com a vida do corpo, e de um convívio íntimo com a presença do mundo. Podemos então entender esta dimensão como o pano de fundo que possibilita a sintonia afetiva, o contato empático e o desdobramento e articulação da experiência em linguagem – a experiência estética como um primeiro discernimento, não verbal, da pertença e composição do campo fenomenológico. O símbolo surge posteriormente, através da capacidade generativa do espaço psíquico. Ele emerge de estratos de sentido previamente vividos relacionalmente na experiência estético-relacional (Aisthesis) – José Gil refere que “o discurso encontra na irracionalidade do corpo, do inconsciente e do desconhecido, a riqueza e a intensidade de sentido que torna inteligível um acontecimento, um comportamento, uma ideia”.

“Podemos então entender esta dimensão como o pano de fundo que possibilita a sintonia afetiva, o contato empático e o desdobramento e articulação da experiência em linguagem (…)”

D.

Em musicoterapia, a capacidade de acedermos ao mundo interno do outro radica nas dimensões implícitas da experiência, na possibilidade de reverberarmos afetivamente as nuances dos movimentos sonoro-relacionais, e na possibilidade criativa de os desdobrar em sons, timbres, ritmos, gestos, olhares, modulações afetivas, imagens e narrativas. Este “logos vivo, estético-relacional”, é uma espécie de “conhecimento relacional implícito” - um tipo de conhecimento processual que não é substituído quando a palavra surge nem é necessariamente transformado em linguagem. Algumas áreas deste saber estético-relacional vêm a ser articuladas simbolicamente em musicoterapia: seja pelo uso da palavra, de imagens, ou de expressão corporal. As áreas que vêm a ser articuladas de forma discursiva são sempre uma pequena parcela da totalidade deste conhecimento - as que não são representadas simbolicamente não são necessariamente inconscientes ou excluídas da consciência, elas podem ser qualidades distintas da experiência fenomenológica que envolvem afetos, percepção e ação.

“Algumas áreas deste saber estético-relacional vêm a ser articuladas simbolicamente em musicoterapia: seja pelo uso da palavra, de imagens, ou de expressão corporal.”

A estética está intimamente relacionada com a apreciação da experiência relacional, com a possibilidade de fruição no contacto, do aprofundar o encontro com o outro e de o amar - refiro-me a um amor lato, que sustem todos os laços afetivos. A beleza, a estética, a poética do contacto, é algo que se insurge de forma inusitada, uma comoção através da qual nos sentimos movidos com o outro - o movimento de um rio invisível, cujas águas, que pertencem a ninguém, são lugar de encontro, partilha e descoberta. A estética é a forma através da qual aprofundamos o contacto com o mundo e nos abrimos a uma relação intensificada com o outro, é o sabor da relação que se estabelece e o sentido de valor que ela desvela a cada momento.

Miguel Soares
Psicólogo, Musicoterapeuta



O QUE É A RENDA FIXA, QUAIS AS SUAS CARACTERÍSTICAS E POR QUE É O MAIOR INSTRUMENTO DE INVESTIMENTO GLOBAL?

Quando pensamos em investimentos, muitas vezes temos um instinto natural de pensar em bolsa e ações. No entanto, a principal divisão de classes que fazemos é entre a renda variável e a renda fixa. É a divisão do clássico 60/40. A renda variável tende a referir-se ao mercado acionário, sendo que os investimentos nessa classe podem ser feitos, tradicionalmente, através de ações individuais, fundos de ações de gestão ativa ou fundos de ações listados passivos (os famosos ETFs). A renda fixa refere-se normalmente a instrumentos de dívida. Esses instrumentos podem ser públicos ou privados, emitidos por governos, empresas ou municípios, e podem ter variadas formas de pagamento de juros, estruturação, colateral/garantias e perfis de risco. No texto que se segue, vamos falar sobre algumas dessas características da renda fixa, entre outros.

D.

Ao falarmos de renda fixa, tradicionalmente referimo-nos a um instrumento de dívida que paga juros aos investidores e que, no seu vencimento, devolve o principal. Este é um produto que, dadas as suas características, entrega aos investidores um grau de previsibilidade do seu investimento. Para títulos onde o juro pago (conhecido tradicionalmente como cupom) é pré-fixado, o investidor sabe exatamente qual o montante que irá receber ao ano e em quais datas, e no vencimento do título (também ele pré-acordado), receberá de volta o seu investimento inicial. Dadas essas características, tende, no geral, a apresentar menor volatilidade e maior previsibilidade, sendo tradicionalmente associado a investimentos conservadores. No entanto, há títulos que, pelas suas características ou perfil de risco, podem ser considerados mais voláteis ou mais arriscados.

Títulos de dívida podem ser emitidos, como previamente mencionado, por inúmeras entidades. Os maiores e mais ativos emissores de dívida a nível global são países. A dívida soberana global em circulação é quase US\$ 100 trilhões, dos quais cerca de US\$ 70 trilhões são emitidos por países desenvolvidos, com os EUA representando mais de US\$ 30 trilhões dessa fatia. Além de governos, instituições públicas podem emitir dívida também ao nível dos municípios ou de outras instituições governamentais.

Além de dívida pública, há uma fatia significativa do mercado que é composta por emissões de títulos corporativos. Empresas que, para buscar financiamento, emitem dívida no mercado onde os investidores globais (institucionais e individuais) passam a poder investir nas suas dívidas. Empresas, bancos, empresas públicas, todas podem emitir dívida no mercado.

A principal característica que define a grande maioria das emissões feitas por empresas e governos é o mecanismo de pagamento dos seus cupons, os quais são, na grande maioria, pré-fixados. Com pré-fixados queremos dizer que o juro pago sobre a dívida emitida é definido no momento da emissão e não muda até ao seu vencimento. Há também mecanismos de dívida variável ou com spread fixo, mas atrelada a taxas variáveis (como inflação, SOFR, EURIBOR, etc.), mas a grande maioria da dívida corporativa e governamental emitida nos mercados internacionais é pré-fixada. Sendo pré-fixada, o cupom dessa dívida nunca muda até ao vencimento, sendo que o valor de face da dívida também permanece inalterado. Ou seja, se numa emissão de dívida de US\$ 500 milhões forem emitidos títulos de dívida unitários por US\$ 1.000, havendo 500.000 títulos em circulação, no vencimento, se eu for detentor desse título, terei direito a receber esses US\$ 1.000.

“Sendo pré-fixada, o cupom dessa dívida nunca muda até ao vencimento, sendo que o valor de face da dívida também permanece inalterado.”

D.

Essa é a parte que nunca muda. Mas o que muda? Essas dívidas tendem a ter um mercado secundário onde podem ser transacionadas. Pessoas, fundos, governos, hedge funds, ETFs, todos podem transacionar essas dívidas no mercado secundário. E esses mesmos títulos unitários que valem US\$ 1.000 têm um preço de mercado que varia. Esse preço é inversamente relacionado à taxa de juro. Ou seja, quando os juros sobem, o preço dos títulos no mercado secundário desce. Quando os juros descem, o preço dos títulos sobe. Por quê? A base financeira dessa relação prende-se com o valor presente dos títulos. Se eu sei exatamente o meu cash flow futuro, associado ao recebimento dos cupons, quando a taxa de referência (seja ela Fed Funds Rate, para títulos em US\$, ou taxa de referência do BCE, para títulos em EUR) sobe, o valor presente dos títulos cai. O inverso é verdade também. Títulos mais longos são mais sensíveis a alterações de taxas de juro e têm, portanto, maior volatilidade.

“Pessoas, fundos, governos, hedge funds, ETFs, todos podem transacionar essas dívidas no mercado secundário.”

Dessa forma, vemos como as decisões de juros dos bancos centrais impactam de forma direta o que acontece à renda fixa como classe de ativos. Quando o BCE ou o Fed alteram a sua política monetária, subidas ou descidas de juros terão impacto direto nos preços dos títulos e na performance da classe como um todo. Nesse contexto, o mercado de renda fixa depende tanto da análise de risco de crédito e das dinâmicas operacionais dos países e empresas que emitem dívida, como também do cenário macroeconómico e as consequências que este tem nos juros. Expectativas de inflação, emprego e crescimento económico têm impacto direto na tomada de decisão dos bancos centrais e, conseqüentemente, impactos nos ativos.

“Expectativas de inflação, emprego e crescimento económico têm impacto direto na tomada de decisão dos bancos centrais e, conseqüentemente, impactos nos ativos.”

Uma vez que as emissões são pré-fixadas, a definição do seu cupom, ou o yield pago pelos títulos em qualquer dado momento, é uma combinação entre a taxa de referência e um spread (prémio de risco) associado a esse crédito. Títulos mais seguros tendem a ter spreads menores, conseqüentemente pagando menos, títulos mais arriscados têm que remunerar os investidores com spreads mais elevados para compensar os riscos. O benchmark para referência de risco são os ratings das empresas dados pelas agências de crédito (as mais relevantes sendo Fitch, S&P e Moody's). Ao nível de risco, o mercado tende a dividir-se entre Investment Grade (grau de investimento, os títulos mais seguros) e High Yield (grau especulativo). No caso das empresas, a análise de risco tende a prender-se com os principais indicadores e métricas de crédito, sendo a principal a alavancagem (normalmente medida como dívida líquida sobre o EBITDA). Mas as agências de rating olham para geração de fluxo de caixa, liquidez da empresa, perfil e prazo da dívida, dinâmicas operacionais, riscos de governança, investimentos (CAPEX), escala, margens, entre outros.

D.

Na maioria das vezes, o mercado antecipa esses riscos antes das agências de rating. Como mencionado antes, este é um mercado de trilhões de dólares. Consequentemente, as empresas e países são analisados pelo sell-side e pelo buy-side, ajudando no processo de decisão dos investidores globais, e permitindo chegar a preços de mercado que refletem os riscos percebidos pelos investidores. Os maiores investidores globais de renda fixa são fundos mútuos, fundos de pensões e seguradoras. Estes investem em todo o espectro de renda fixa: títulos governamentais ou corporativos, Investment Grade e High Yield, de durações curtas e longas, de países desenvolvidos e países emergentes (ou empresas de países desenvolvidos e países emergentes). No caso dos fundos mútuos, tende a haver fundos específicos para cada uma destas categorias, com gestores e analistas especializados em cada uma destas subclasses.

“ (...) as empresas e países são analisados pelo sell-side e pelo buy-side, ajudando no processo de decisão dos investidores globais, e permitindo chegar a preços de mercado que refletem os riscos percebidos pelos investidores.”

Nos últimos três anos, a renda fixa voltou a fazer parte, de forma significativa, dos portfólios globais, tanto institucionais, como wealth e pessoas físicas. Por quê? Após quase duas décadas (os alunos que leiam este artigo não se lembrarão de nada mais além disso) de juros muito baixos (zero ou muito perto disso) na grande maioria dos países desenvolvidos, no período pós pandemia, e dado o período de inflação rampante que a sucedeu, voltamos a ter um ciclo de taxas elevadas. Com taxas elevadas, os retornos dessa classe de ativos voltaram a fazer mais sentido na alocação de portfólios globais, remunerando os investidores com yields mais elevados.

“Com taxas elevadas, os retornos dessa classe de ativos voltaram a fazer mais sentido na alocação de portfólios globais, remunerando os investidores com yields mais elevados. “

Apesar disso, houve também um aumento da volatilidade na classe. Como indiquei anteriormente, os preços dos ativos são inversamente relacionados ao movimento das taxas de juro. Passámos de um período em que as taxas de juro se movimentavam num intervalo muito curto, para um cenário em que saímos de taxas zero para os níveis mais elevados em uma década e meia. Isso, obviamente, gera volatilidade nos preços. Além disso, dada a atratividade da classe, vimos um movimento de compressão dos spreads de risco de forma praticamente transversal. Então, aquela que foi durante anos considerada a classe mais aborrecida e associada a pouca volatilidade, voltou a mostrar um nível de volatilidade elevado. Como se proteger ou mitigar a volatilidade? Optar por durações mais curtas (como disse, quanto mais longos, mais suscetíveis estão à variação de preço dada a variação de juros). Perfis mais conservadores deveriam também optar por créditos com perfil de risco Investment Grade.

D.

Pediram-me também para dar algumas dicas aos jovens estudantes que estejam à procura de uma carreira no mercado de renda fixa e como vim aqui parar. A segunda é fácil. E, como quase tudo na vida, foi por acaso e aos trambolhões. As carreiras raramente se fazem de forma linear, e a minha, depois de vários anos como analista sell-side de renda variável, acabou por me levar ao mundo do crédito. Quanto à primeira, é sempre difícil dar dicas sobre este mundo, até porque, por ser tão profundo, grande e diverso, não há dicas universais. Um analista de renda fixa para mercados emergentes será diferente de um que olhe para portfólios da Europa. Um analista sell-side será diferente de um buy-side. O trabalho de um analista, de um sales, de um trader, de um sales-trader, será diferente. Trabalhar no mercado institucional ou no mercado retail é diferente. E para nenhum desses há uma fórmula de sucesso que seja linear. A única dica que tenho sempre para alguém que procura uma carreira no mercado financeiro é a seguinte: mantenham-se curiosos. Queiram aprender todos os dias, queiram saber mais, queiram estimular-se, tenham a capacidade de se admirar constantemente, sejam gratos pelas oportunidades e procurem ter uma visão holística e de 360 graus do mundo. Até porque o mundo é complexo, e quem tem a capacidade de relacionar temas e aprendizagens em diferentes matérias estará à frente dos demais, seja em que área for.

“A única dica que tenho sempre para alguém que procura uma carreira no mercado financeiro é a seguinte: mantenham-se curiosos. Queiram aprender todos os dias, queiram saber mais (...).”

José Correia da Silva

“Gestor de investimentos” na Avenue

D.

Arte em destaque
Maria Ana Vasco Costa

A Maria Ana Vasco Costa é uma arquiteta e ceramista, e o seu atelier chama-se MAVC studio. Tem vindo a desenvolver vários projetos, dos quais salienta-se o revestimento de alguns edifícios como por exemplo no HotelHotel na zona da Avenida da Liberdade, para além disso também está presente no Museu do azulejo. Ganhou vários prémios, e em 2024 ganhou o prémio Surface Award design pelo seu trabalho feito no hotel e museu MACAM. Nesta entrevista responde-nos a algumas perguntas sobre o seu percurso, o seu trabalho e o processo criativo.

Como é que foi o seu percurso até agora? O que a fez escolher cerâmica?

Eu tirei o curso de arquitetura e fui trabalhar para Londres. A cerâmica surgiu na minha vida quando voltei de Londres e estava um bocado à procura de outro tipo de vida, porque apercebi-me que não estava a gostar da minha profissão e tinha 28 anos.

Então fiz uma série de pesquisas, vários workshops todos relacionados com arte ou criatividade e foi aí que descobri a cerâmica, a paixão da minha vida, uma coisa que quase que senti no corpo. Quando entrei na arte, na cerâmica tudo aquilo começou a fazer sentido para mim e então tomei a decisão de mudar de profissão e aprofundar isto, o que era a cerâmica, quais eram as técnicas e mesmo dentro da cerâmica não me apetecia ser uma pessoa qualquer.

D.

Depois conheci a escola do AR.co, que é uma escola que faz um percurso muito giro, tipo a nível da *autoriage*, chama-se cerâmica de autor. Na qual aprendemos todas as técnicas e aprende-se a desenvolver uma autoria própria e a procurar aquilo que realmente faz sentido para nós. Então foi isso que aconteceu, eu comecei na escola do Arco em 2008/2009 e fiquei lá uns cinco anos.

“Quando entrei na arte, na cerâmica tudo aquilo começou a fazer sentido para mim e então tomei a decisão de mudar de profissão.”

Quais são os desafios e as coisas que mais gosta no seu trabalho?

O que eu mais gosto neste processo criativo é a limitação do lugar, ou seja, o lugar dá-me muitas pistas do que eu devo fazer, em cada projeto específico. Não só o lugar, mas como o projeto, a relação com o arquiteto e o diálogo, a descoberta de uma coisa em conjunto. Tudo isso dá-me pistas do que deve ser feito em determinado edifício ou em determinada parede ou em determinado lugar.

Confesso que às vezes idealizo coisas e depois é difícil passar para o papel e perceber se elas fazem sentido ou não. Há uma fase de procura grande, muitas vezes as



MAVC, Exposição do “Presente para o Futuro” Museu Nacional do Azulejo Lisboa, 2018.

D.

coisas demoram tempo a serem executadas, às vezes é mais rápido, outras vezes mais lento. Às vezes sou muito rápida a ter a ideia e demoro tempo a amadurecer, ou seja, a perceber se aquilo deve ser feito ou não. Só depois desse amadurecimento é que eu gosto de mostrar ao cliente, quando estou 100% convicta de que é aquela a minha ideia que deve seguir em frente e ser proposta.

Há também uma outra parte desafiante que é a produção. Ver se as coisas resultam em obra, trazer protótipos, é uma parte muito divertida, mas que exige muita concentração, muito trabalho e estar muito em cima do acontecimento. Para além disso, a relação com a fábrica, os processos como é que as coisas estão a ser feitas, como é que estão a sair e os *timings*.

Acho que estas são partes desafiantes e ao mesmo tempo muito interessantes no processo criativo. Depois de as coisas aparecerem na nossa cabeça vê-las a acontecer em grandes quantidades, ver uma peça multiplicada a fazer superfícies, e depois podermos descobrir coisas no projeto através da superfície, é muito interessante. Quando o projeto está acabado, assente na fachada ou parede, se revela nas coisas e isso é uma parte muito interessante de tudo isto.

“O que eu mais gosto neste processo criativo é a limitação do lugar, ou seja, o lugar dá-me muitas pistas do que eu devo fazer, em cada projeto específico.”

Com é trabalhar com azulejos?

O azulejo para mim faz parte da nossa tradição, da nossa identidade, quem nós somos e ao termos crescido com isso é normal que tenhamos uma ligação afetivo-emocional ao projeto quando este contem intervenção cerâmica ou azulejo de qualquer tipo.

Relativamente aos azulejos serem feitos por um artista e desenvolver um projeto com o arquiteto, parece-me a mim que é uma mais-valia que dá outro sentido ao projeto, abrem-se novos caminhos, não é apenas a aplicação do revestimento, mas é a pensar no lugar, sobre a cor, sobre os sentimentos que hão de advir da presença do material e desta parede. a luz nos azulejos no trabalho

Enfim eu já fui arquiteta e às vezes penso que a profissão de arquiteta tem muitos entraves e preocupações que às vezes não permite aos arquitetos de ter algum espaço de liberdade para pensar mais abertamente num assunto específico. O que eu acho que faço nos projetos é pensar constantemente nisto e aplicar o que eu estou a pensar na altura e com isso trazer experiências diferentes e uma ligação com o projeto que nos revela coisas novas.

“(…) não é apenas a aplicação do revestimento, mas é a pensar no lugar, sobre a cor, sobre os sentimentos que hão de advir da presença do material e desta parede.”

D.

Que conelhos tem a dar sobre a Criatividade?

Vi em algum lugar escrito que a ansiedade é o oposto da criatividade, o que me fez muito sentido. No meu ponto de vista, alguém que queira estimular a criatividade e ter ideias mais fora da caixa, fazer associações fora do comum, que no fundo é isso que a criatividade é, fazer associações entre coisas, e para estar nesse estado espírito primeiro é preciso ter autoconhecimento.

Uma coisa é ser uma criança criativa outra coisa é na vida adulta com muitas frentes, com muito trabalho, com muitas exigências, é preciso perceber em que momento é que nos sentimos mais criativos. Eu, por exemplo, sou muito criativa quando acordo, depois às vezes durmo uma sesta a meio do dia e quando acordo da sesta sou altamente criativa, ou seja, tem que haver um descanso intelectual para mim que estimule a associação de ideias para as coisas começarem a acontecer. No entanto, também sou aquela pessoa que no meio do nada tem imensas ideias. O que eu tenho sentido ao longo da vida é que quanto mais eu tiver enraizada em levar uma vida relativamente estável, ou seja dormir bem, alimentar-me bem, fazer exercício, passar fins de semana fora e estar em contacto com a natureza, mais acabo por ter criatividade. Às vezes é por surtos, mas eu acho que a ligação com a natureza, estar em contacto com a natureza, em locais contemplativos, faz-nos estar mais em contacto connosco próprios e, no meu caso, é uma coisa que estimula imenso a minha criatividade.

Por isso, voltando à frase inicial de a ansiedade ser o oposto da criatividade, passa por levar um estilo de vida adequado ao nosso bem-estar em vez de estarmos sempre em stress. Isto também reflete um pouco o modo como eu tenho levado o meu trabalho. Eu sou muito discreta no meu trabalho, não faço muita comunicação, porque não quero ter um estilo de vida muito stressante, nem muito exagerado ou uma equipa muito grande. Eu gosto de fazer as minhas coisas ao meu ritmo porque acredito que terei um trabalho mais rico e completo do que se tivesse não sei quantos projetos ao mesmo tempo, a trabalhar para o mundo inteiro, a viajar o tempo todo, isto é uma coisa muito importante para mim.



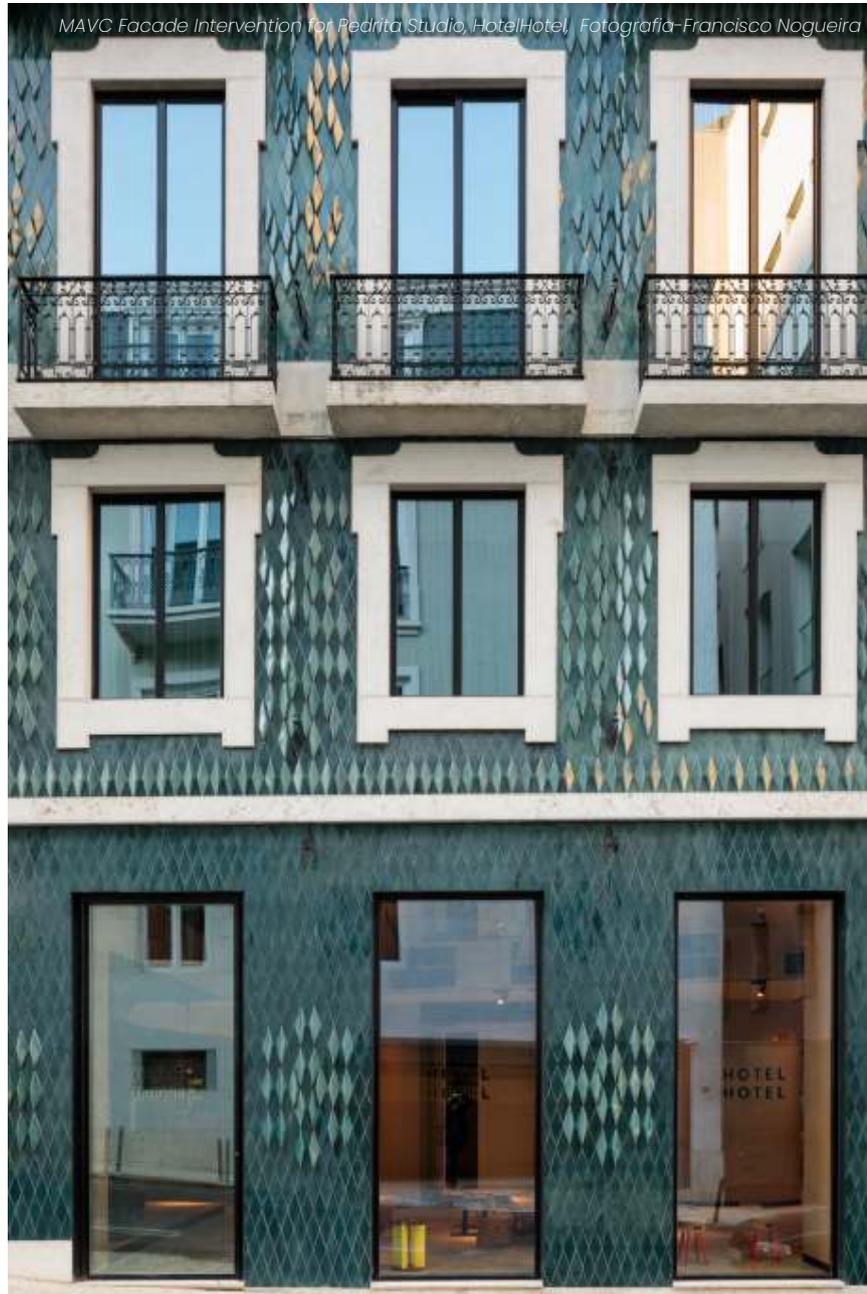
D.

“Às vezes é por surtos, mas eu acho que a ligação com a natureza, estar em contacto com a natureza, em locais contemplativos, faz-nos estar mais em contacto connosco próprios e no meu caso é uma coisa que estimula imenso a minha criatividade.”

O que é que as pessoas deviam aprender com os artistas?

Os artistas são pessoas que se respeitam a si próprios, que sabem os seus limites: quero dizer com isto que são tolerantes consigo próprios. Acho que atualmente há uma exigência grande, parece que as pessoas têm de se vestir da mesma maneira e pensar da mesma maneira. Os artistas dão lugar a outras coisas, acho que isso é importante na sociedade, muita inspiração e acho que acima de tudo os artistas são pessoas tolerantes, que conseguem ver o lugar do outro, a meu ver, das pessoas, dos artistas que conheço. Para além disso, quanto ao autoconhecimento de a pessoa poder ser quem quer, acho que isso é de uma liberdade grande, mas por vezes difícil de atingir e acho que os artistas normalmente são as pessoas que concretizam isso em vida, são eles próprios e sem pudor, sem complexos. Isso é uma coisa muito importante, porque muita da beleza da vida é isso mesmo, é nós podermos assumirmo-nos como aquilo que somos, sem estar com filtros, tabus e problemas.

“(…) a pessoa poder ser quem quer, acho que isso é de uma liberdade grande, mas por vezes difícil de atingir e acho que os artistas normalmente são as pessoas que concretizam isso em vida, são eles próprios e sem pudor, sem complexos.”



DIURNA.



Diurna.

OS TEXTOS DOS AUTORES CONVIDADOS
NÃO SÃO SUJEITOS A QUALQUER PROCESSO
DE REVISÃO, POR RESPEITO AO ESTILO
PRÓPRIO DE CADA UM.

Diurna.

O Jornal Nacional dos Estudantes da Universidade Católica Portuguesa.
Porto | Lisboa | Braga | Viseu



D.

“O conhecimento é um poder em si mesmo”.
- Thomas Hobbes

D.

D.

DIREÇÃO NACIONAL

DIRETOR NACIONAL

ANA LORENA DE SÈVES

EDITOR IN CHIEF - PORTO

CATARINA SAMÕES

EDITOR IN CHIEF - LISBOA

RUI LOPO

EQUIPA EDITORIAL

PORTO

CATARINA SAMÕES

ADRIANA MAGALHÃES

FRANCISCA ROCHA

RUI SANTOS

LISBOA

ANA LORENA DE SÈVES

RUI LOPO

JOAO SOEIRO DA COSTA

JOAO PINHEIRO DA SILVA

ROSALINA DE SOUSA

BRAGA

MARIA CLARA VALENTIM

VISEU

BEATRIZ OLIVEIRA

MARKETING MANAGEMENT

ANA LORENA DE SÈVES

CATARINA SAMÕES

O JORNAL NACIONAL DOS ESTUDANTES DA UNIVERISDADE CATÓLICA PORTUGUESA

PORTO | LISBOA | BRAGA | VISEU